



Onde mora a Chama da Esperança

150,00 MT
R 35

IDOL

Periodicidade Bimestral | Ano 9 | Fundada em 2009 | Edição nº 41 | 2017

MUNDIAL DE MAINJING **ESTAMOS PRONTOS!**

NICOLAU MANJATE

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO MOÇAMBICANA DE PATINAGEM



LOURENA NHATE

AFIRMAÇÃO
DE UMA
ESTRELA



HENRIQUE ALY

100% MÁXIMO
É CONQUISTA DOS
MOÇAMBICANOS

JOÃO RIBEIRO

INTERNET
NÃO SUBSTITUI
CINEMA



Av. da O.U.A. nº 50 • Telefs.: (258) 21400416 • 21402181 • Fax: (258) 21402919 • Cel: 82/843188720
E-mail: grafica.academica@gmail.com



- CARTAZES
- BROCHURAS
- CONVITES
- CALENDÁRIOS
- MANUAIS
- CARTÕES DE VISITA
- P. TIMBRADOS
- CARTÕES DE BOAS FESTAS
- PANFLETOS
- RECIBOS, FACTURAS, V. DINHEIRO

Maquetização Impressão Acabamentos



sidat
SPORT

Desporto a seu estilo

Av. Samora Machel, 10 • C. Postal, 1215
Telef.: (258) 21305644 • Fax: (258) 21431694
E-mail: sidat.sport@gmail.com
MAPUTO

Rua Major Serpa Pinto
Telefax: (258) 23 32 38 65
E-mail: sidat.sport@gmail.com
BEIRA

Av. Paulo Samuel Kamkhomba, Nº 898 R/C
Telef.: (258) 26 212457 • Fax: (258) 26 214700
E-mail: sidat.sport@gmail.com
NAMPULA

BUSCAR LUZ NA EDUCAÇÃO



Gervásio de Jesus

Director Editorial

E urgente que o moçambicano veja a educação como forma única de liberdade, património cultural e arquitectónico, e como parte da sua história.

Vivemos tempos estranhos no Moçambique actual, onde temos à tona, evidenciadas e exacerbadas, uma série de questões e preconceitos, um país que cômoda e convenientemente se habituou em auto-aclamar-se como o "país da tolerância". E não o é. Afinal, somos nós que fazemos a vida, e os seus caminhos.

Infelizmente, assistimos impunemente à tortura física e psicológica, raptos, assassinatos...simplemente por ter credos políticos ou religiosos diferentes, quiçá sociais ou de raça, ou ainda por orientação sexual. É caso para dizer-se que estamos a aceitar ser "restos", quando nos silenciamos perante os grosseiros atropelos às leis. Julgamos que a justiça deve alcançar a todos.

Sentimos que a nossa participação, como cidadãos, na vida e gestão do país é quase nula, ou seja, andamos ausentes das grandes questões da Nação, mas em contrapartida passamos o tempo a lamentar nas ruas e corredores.

Está na hora de despertarmos. Precisamos ser conscientes ao delegarmos outrem de poderes que na realidade nos pertencem. A luta cívica e democrática tem que ser permanente e incisiva. Precisamos desmistificar medidas de falsos com-

portamentos, com uma imparcial mensuração de valores dos proponentes que se nos restaram.

A nossa sociedade civil precisa de se renovar continuamente em consciência para ser mais acutante e para deixar-se de ludibriar por frágeis artifícios. É necessário evitar a descarada – ora tão comum – usurpação da sua essência como seres humanos (cidadãos). Ela precisa de ter uma visão inovadora para a reversão do quadro sombrio para o qual o país desembocou.

A sociedade civil precisa de ser educada a capitalizar cada vez mais a sua consciência cívica e política para responder aos novos desafios que se lhe impõe. Só com cidadãos formados, responsáveis e com visão crítica é que o país poderá prosperar rumo ao desenvolvimento. Nesta mensuração, onde temos como parâmetro principal o passado, já que o futuro, mesmo este sendo o alvo, não existe, não é possível deixar-se ludibriar por frágeis artifícios e grosseiras maquiagens.

Sabemos que alguns remédios, senão a maioria, são amargos. Assim mesmo, devemos ter uma cuidadosa atenção aos seus efeitos e o prazo para que estes possam ser notados. Com isto, evita-se a descarada usurpação da ideia original (concepção) e da sua real implementação. Precisamos respeitar e salvaguardar a origem; e quem teve realmente a visão inovadora.

Gervásio de Jesus



"GRAÇAS AOS MUNÍCIPES SOMOS MAIS LIMPOS"

Elei por via das eleições intercalares de 2014, que Benedito Eduardo Guimino chegou ao cargo de Presidente do Município de Inhambane. Durante a realização do evento eleitoral foram feitas promessas a serem cumpridas em cinco anos.

Passam mais de três anos do mandato. É hora de colocar as ações da edilidade da capital provincial de Inhambane nos termómetros para medir o grau de execução das promessas. Guimino concedeu uma entrevista exclusiva à Ídolo,

que partilhamos nas próximas linhas.

Ídolo (I) – Passam mais de três anos, qual é o grau de execução do manifesto eleitoral?

Benedito Guimino (BG) – Esta-





mos a 72% da execução do nosso manifesto para os cinco anos. Passam já mais de três anos e ainda temos pela frente mais dois anos. Para o Plano Económico e Social estamos a 69%.

Dos grandes desafios que nos foram colocados temos a destacar que já asfaltamos mais de sete quilómetros de estrada dos 10 previstos. Recorremos ao asfalto e a pavés.

Tínhamos o desafio de levar a corrente eléctrica para alguns bairros e já conseguimos fazer mais de três mil ligações neste período. Quando tomamos posse em 2014, o município tinha cerca de 13 mil ligações e agora tem 16 mil. Falta electrificar dois bairros, um deles é a Ilha de Inhambane, que foi desenhada para receber uma electrificação com base em painéis solares. Já foram distribuídos pouco mais de 150 painéis a cerca de 371 famílias que lá vivem. Portanto, a taxa de cobertura de energia está a 86%.

Em termos da rede de água, havia cerca de 11 mil ligações e durante os primeiros três anos da nossa governação fizemos quatro mil ligações. O abastecimento de água agora está acima dos 83% na cidade de Inhambane. Ainda temos quatro bairros sem água e estamos a trabalhar no sentido de colocar pequenos sistemas e já inauguramos quatro que beneficiam a pouco mais de cinco mil famílias.

Durante os três anos também realizamos construções sociais. Conseguimos construir

blocos convencionais em todas escolas da cidade. Não há escola na cidade de Inhambane que não tenha bloco administrativo e algumas salas convencionais e equipadas com mobiliário escolar. Mas estamos a precisar de construir mais 16 salas de aulas com material convencional para substituir as que foram construídas com material misto.

Queremos também tirar todas crianças do chão. Neste momento, temos cerca de 1 300 crianças que são leccionadas sentadas no chão e precisamos de 400 carteiras. Já lançamos um concurso para aquisição e muito brevemente este problema estará resolvido.

Reduzimos as distâncias que os municíipes percorriam para ter acesso a um posto de saúde ou hospital. Mas temos um bairro, onde as comunidades locais precisam de percorrer sete quilómetros para encontrar o centro de saúde mais próximo. Contudo, já houve um projeto, já lançou-se um concurso, já adjudicamos as obras e brevemente irá iniciar a construção de um centro de saúde naquela região.

A nossa cidade tem 19 associações agrícolas e estamos a dar assistências a elas. Temos pouco mais de 1 600 associados, através deles a nossa acção de apoio beneficia a mais de oito mil pessoas. O nosso auxílio consiste em dar equipamento, sementes e promover intercâmbios para o aumento da produção e da produtividade.

Em 2016, concluímos as obras do nosso estádio municipal, que iniciamos em 2014. É uma infra-





« « « «

-estrutura que pode acolher todo tipo de competição ao nível do futebol, porque tem as dimensões internacionais e tem um relvado sintético. Estamos a construir seis campos em diferentes bairros para potenciar o futebol recreativo, pois temos seis núcleos de futebol recreativo, que movimentam mais de mil atletas.

Distribuímos pouco mais de 600 talhões para jovens. Este processo vai continuar e vamos distribuir cerca de 400 talhões não só para juventude, os funcionários públicos e privados, no geral, serão incluídos.

Na área dos transportes adquirimos dois autocarros que fazem as rotas Inhambane – Tofo, e Inhambane – Barra, e introduzimos uma nova rota que é Inhambane – Kihuwa, esta que brevemente servirá a

outros distritos, como Inharrime. Construímos um barco para facilitar a travessia dos ilhéus para a cidade, e vice-versa.

I - Como tem sido o exercício orçamental para responder às necessidades primárias da população?

BG - Estamos a crescer em termos de orçamento. Em 2014, trabalhamos com cerca de 132 milhões de meticais, em 2015 trabalhamos com 145 milhões de meticais, e em 2016 a meta de colecta era de 155 milhões de meticais.

Há diferentes fontes, temos receitas próprias e o fundo da compensação autárquica, que é feito ao nível do Governo central. Temos os fundos de investimentos e iniciativas locais, também transferido centralmente. Para o caso do nosso município, temos, ainda, um projecto chamado "Cidades Climáticas", que é financiado pelo Banco Mundial. Em 2016 tivemos um fi-

nanciamento de seis milhões e novecentos mil meticais; seis milhões e duzentos mil meticais, em 2015; e três milhões de meticais, em 2014.

No que diz respeito à colecta de impostos, estamos a evoluir. Em 2015, chegamos até aos 31 milhões de meticais, e em 2016 a previsão era de 42 milhões de meticais.

I - Qual é a capacidade de resposta dos municípios na gestão do município?

BG - Os municípios colaboram bastante. Aliás, introduzimos o Orçamento Participativo, há três anos, em que criamos os conselhos consultivos nos bairros. Assim, o município pode indicar aquilo que julga ser prioritário para o seu bairro de acordo com o "bolo" que o município tem.

Normalmente, dizemos aos municípios o valor que temos, os nos-

» » » »



FOTOS DE SALVADOR SICAUQUE



sos projectos, e depois os municípios, em conjunto, escolhem o que pretendem e baseiam-se muito nas especificidades dos seus problemas locais.

Quem observar a cidade de Inhambane, irá ver que é um município muito limpo. Isso deve-se à colaboração dos nossos municípios. O Conselho Municipal só tem 400 funcionários não seria possível limpar a cidade, onde vivem mais de 65 mil habitantes.

I – E quais são os meios usados?

BG – Dispomos de quatro camões de 10 toneladas. Temos, ainda, dois tractores com atrelados com capacidade de três toneladas e dois tractores para fossas sépticas, mas usamos apenas um, porque não há necessidade de usarmos todos. Neste processo, contamos com apoio de algumas associações

que fazem limpeza na praia do Tofo e bairros urbanos da cidade. Temos dois períodos de recolha, no da manhã o Conselho Municipal é que faz, e a recolha nocturna é feita por uma associação.

I – Como tem articulado o esforço para encontrar parceiros que contribuam para o crescimento do município?

BG – Temos feito algum esforço nesse sentido. Na área da cultura, por exemplo, temos uma parceria com a Vodacom, que tem financiado os nossos programas quando realizamos eventos. Temos uma parceria com o Município de Oeiras, em Portugal, por via da mesma forma – mos cinco técnicos superiores: dois mestres; e três licenciados. Neste momento, temos uma bolsa do município, que está a concluir o nível de mestrado em Oeiras. Aquele município tem, também, apoiado na planificação urbana e recolha de re-

síduos sólidos.

Temos uma parceria com uma Prefeitura de Portalegre, no Brasil, que nos tem apoiado nas questões do orçamento participativo e cadastro foral. Agora estamos a avançar para mais uma parceria com um município chinês, que ainda é prematuro avançar dados. Internamente, trocamos experiências com o município de Manica.

I – Qual é a contribuição do turismo para o orçamento da cidade de Inhambane?

BG – Os licenciamentos são feitos ao nível do Governo central. O município tira proveito nos pagamentos anuais, pelas actividades económicas e quando realizamos eventos há muitos turistas que se deslocam para a cidade de Inhambane e aí não são ganhos directos, mas as nossas comunidades tiram muita vantagem disso. Em termos percentuais, o maior "bolo" do município vem dos fóruns e actividades turísticas, que contribuem na ordem dos 35%.

I – Como está Inhambane na questão de segurança?

BG – É uma cidade muito tranquila. Não temos tido problemas de segurança. Nos finais de 2015 aconteceu um fenómeno muito estranho, em que foram roubadas seis viaturas, mas este fenómeno já foi estancado.

I – Para quando uma ponte ligando Inhambane a Maxixe?

BG – É um sonho e uma questão pertinente, o que facilitaria as transacções comerciais. Porém, há poucos que investem nessa área do



FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE



« « « « «

comércio e sentimos que por Maxixe ser corredor, também, há muito movimento. Se tivéssemos esta ponte facilitaria bastante as transacções entre Maxixe e Inhambane. Com a ponte, a viagem passaria a durar apenas cinco minutos. Agora fazemos em cerca de 20 ou 30 minutos e com todos os riscos, porque não temos capacidade para adquirir barcos grandes para transportar pessoas e temos de nos sujeitar às embarcações pequenas. Portanto, a

ponte ligando Inhambane e Maxixe seria muito benéfica porque facilitaria a comunicação.

I – Qual é o sonho que pretende materializar até o fim do seu mandato?

BG – Gostava de ver todos municípios com água e energia em suas casas. E maior parte dos municípios a deslocarem-se na cidade sem sobressaltos. Há zonas muito produtivas na nossa província, mas tirar aqueles produtos para cidade é difícil porque ainda não temos vias de acesso em condições. Pretendo,

ainda, terminar o mandato enquanto todas crianças estejam sentadas nas carteiras e a percorrerem distâncias mínimas para ir à escola e unidades sanitárias.

I – Como tem sido a comunicação entre o Conselho Municipal e o Governo?

BG – Tem sido boa. Comungamos as nossas ideias. Quando realizamos as nossas sessões o Governo provincial é convidado permanente, e vice-versa. Quando colocamos as nossas preocupações elas têm recebido o devido acompanhamento •

FERNANDO COUTO

PERSONALIDADE INDUSTRIAL AFRICANA 2016



empresário moçambicano Fernando Couto, um dos maiores contribuintes da economia nacional, recebeu, no Dubai, nos Emirados

Arabes Unidos, o prémio Personalidade Industrial Africana 2016, da African Leadership Magazine.

O prémio distingue, anualmente, líderes e instituições no continente africano que se destacam no sector económico, sobretudo no crescimento económico e desenvolvimento de África.

Couto foi agraciado em reconhecimento da evolução que a empresa Portos do Norte, por si dirigida, vem

registando, sendo por isso responsável pelo grande sucesso na gestão de terminais e no movimento portuário no Porto de Nacala, na província nortenha de Nampula.

Antes de receber o prémio das mãos do Sheik Juma Maktoum Al





Maktoum, Fernando Couto afirmou que o galardão é um encorajamento e incentivo ao Porto de Nacala e à Moçambique.

Visivelmente emocionado, Couto disse que estava orgulhoso e apelou para que o continente africano se afirme no mercado mundial,

mesmo no contexto atrabalhado em que a economia global se encontra mergulhada.

"Terá de haver coragem dos dirigentes políticos, das elites e da classe empresarial para enfrentar este desafio. Caso contrário, poderemos assistir ao regresso do continente

africano a simples reservatório de matérias-primas, de baixo custo, e sem respeito pela conservação do meio ambiente", disse o empresário.

Estes prémios distinguem empresários e/ou instituições que se destaquem pela excelência, especialmente no sector privado no continente africano. Os vencedores são seleccionados de todo o continente, atraindo mais de 250 empresários e profissionais que, por via do seu trabalho, contribuem para a robustez da economia do continente africano.

A cerimónia de entrega do prémio foi dirigida por Sheikh Juma Bin Maktoum Juma Al Maktoum, membro da família real do Dubai, patrono e presidente do Conselho de Governadores dos Clubes de CEO dos Emirados Árabes Unidos. Contou com a presença das primeiras-damas da África do Sul, Bongi Ngema-Zuma, e da Etiópia, Roman Tesfaye.

Entre os distinguidos em anteriores edições contam-se os antigos presidentes da Tanzânia, Jakaya Kikwete; da Namíbia, Hifikepunye Pohamba; e da Libéria, Ellen Johnson Sirleaf, para além do reputado empresário sudanês Mo Ibrahim, patrono do prémio para a liderança com o seu nome. Fernando Couto já foi alvo de reconhecimento internacional por diversas vezes devido à sua visão e acção empresarial. Recorde-se que em 2007 foi empreendedor do ano e nessa qualidade representou Moçambique numa cerimónia realizada no Principado do Mónaco, em 2008, num evento de âmbito global.

 BARCLAYS

LOUNGE EXECUTIVO 2000 COM NOVO ROSTO

atrio do Aeroporto Internacional de Maputo acolheu a reinauguração do Lounge Executivo 2000, após profundas obras de remodelação e modernização, cujo projecto esteve a cargo do Atelier González & Athayde, Arquitectura.

O evento foi abrilhantado pela presença de diversas personalidades notáveis, como a Vice-Ministra dos Transportes e Comunicações, Dr^a Manuela Rebelo; a Presidente do Conselho Administrativo do

Banco Barclays, um dos patrocinadores do Lounge, Dr^a Luisa Diogo; o Alto Comissário da África do Sul em Moçambique, Sr. Mandisi Mphalwa; em representação da South African Airways, companhia em parceria com o lounge para os seus clientes executivos, o Sr. Adam Seedat; e o Presidente do Conselho de Administração dos Aeroportos de Moçambique, Dr. Emanuel Chaves, e sua comitiva de administradores.

Testemunharam também o acto mais de 150 convidados e

partes interessadas. Os presentes puderam deleitar-se com um cocktail servido com bastante gosto e glamour, incluindo os queijos, a fruta exótica e tropical combinada com sabores mais tradicionais como lichies, manga e uvas, os rissóis de camarão e pastéis de nata estaladiços.

O programa terminou em grande com a actuação dos campeões mundiais de dança Hip Hop/B-Boy provenientes da Cidade do Cabo que demonstraram em grande estilo a razão do seu título •



EXPERIÊNCIA E QUALIDADE!

COM 20 anos de experiência, o Executivo 2000 é um espaço contemporâneo, acolhedor, relaxante e exclusivo. Garante que cada estada seja memorável para que não se aborreça e não perca mais tempo do que o estritamente necessário.

Conta com cerca de 20 colaboradores, conscientes do valor e importância do bem receber, acomodar, orientar e servir. O Lounge Executivo 2000 oferece serviços e instalações de alta qualidade, de nível internacional, destacando-se:

• Salão moderno, climatizado e equipado com assentos confortáveis para 51 passageiros no seu interior e 24 passageiros na esplanada;

- Serviço diversificado de chá, café, bebidas e refei-

cões ligeiras;

- Disponibilidade de catering específico conforme solicitação do utente ou instrução da respectiva companhia aérea;
- Serviço de televisão com canais nacionais e internacionais;
- Equipa profissionalmente treinada para apoio em serviços de migração, bagagem, embarque e desembarque;
- Proximidade das portas de embarque;
- Serviço de Wi-Fi com internet rápida;
- Assentos com acesso a corrente eléctrica com tomadas internacionais e USB para carregamento de dispositivos.

FIZEMOS UM INVESTIMENTO SIGNIFICATIVO

- Abílio Soeiro, PCA do Executivo 2000

AO usar da palavra, Abílio Soeiro, como Presidente do Conselho de Administração do Executivo 2000 e do Grupo Boutiques de Maputo, fez um breve retrato da história do lounge, que já existe desde o longínquo ano de 1995, e referiu-se à sua consciência como moçambicano pelo facto de aquele espaço uma porta de entrada e saída e, "porque não, sala de visitas deste nosso belo e inveja-

do país baptizado Moçambique e portanto da importância da cara do Lounge Executivo 2000 estar renovada e modernizada."

Destacou que mesmo em tempos de turbulência, que se vivem em Moçambique, foi feito um significativo investimento entre parceiros e apoiantes, que representa uma aposta e a fé de que logo "retomaremos a nossa viagem em velocidade



de cruzeiro e à boa altitude, até ao nosso aeroporto económico, que é o desenvolvimento e a paz nacionais". Fez um apelo à renomeação do aeroporto, como Aeroporto Internacional Samora Machel, personagem inspiradora e fulcral na história deste país •

É UM LUGAR APRAZÍVEL



A DR^a LUÍSA DIOGO, PCA do Banco Barclays Moçambique, regozijou-se com o acto, tendo afirmado que a instituição que dirige tem procu-

- Luísa Diogo, PCA do Banco Barclays

rado estabelecer parcerias inteligentes. "É uma alegria para mim estar aqui hoje, nesta reinauguração e reafirmação deste espaço nobre do Aeroporto Internacional de Maputo", disse.

Realçou, num outro desenvolvimento, que "o Barclays tem procurado formar parcerias certas ao longo da sua caminhada. Esta relação com o Salão Executivo 2000 não nasceu hoje, é uma relação duradoura que saiu neste momento

reforçada e rejuvenescida, pois este é um local estratégico para o Barclays chegar aos seus clientes durante as suas deslocações. O nosso legado global africano e local faz deste espaço requintado uma ponte entre os serviços de qualidade que prestamos."

Luísa Diogo destacou a forma como foi renovado o espaço, as suas cores, as opções arquitectónica que tomaram são extraordinárias e dão tranquilidade ao tipo de clientes que o banco tem na área de Prestige e Premier.



EMPRESAS MOÇAMBICANAS PODEM MESTRAR COLABORADORES

Entrou em funcionamento, no ano passado (2016), em Moçambique, a primeira escola que lecciona cursos no modelo de mestrados profissionalizantes. Chama-se Escola Superior de Gestão Corporativa e Social (ESGCS), uma intituição de

ensino de carácter privado.

A sua criação foi inspirada numa dissertação apresentada num instituto universitário de Lisboa, em 2012, para obtenção do Grau de Mestre em Gestão. A escola tem como objectivo trabalhar em parceria com empresas e outras instituições para dotar os seus colabo-

radores de conhecimento científico de acordo com as necessidades.

Os cursos são leccionados em planos modulares, distribuídos em 11 meses por ano. O facto permite que o estudante possa ter 60 créditos, que com os outros 60 da dissertação





Lourenço da Silva

FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE

<<<<

obtém o grau de Mestre na área que a empresa ou a instituição pretende.

"Somos uma instituição de parceria estratégica de capacitação estrutural sustentável. É preciso que as empresas e instituições apostem no capital humano. Elas quando estabelecem parceria connosco dizem em que área pretendem que o seu capital humano esteja formado e de acordo com isso desenhamos um plano modular, contratamos pontualmente professores experientes, e habilitamos os colaboradores", explicou Lourenço da Silva, um dos promotores da ESGCS.

A instituição comporta seis mestrados profissionalizantes numa perspectiva empresarial, nomeadamente:

gestão; contabilidade; fiscalidade e finanças empresariais; segurança e higiene no trabalho; empreendedorismo; tecnologia e sistema de informação; e direito e economia. Mas, pelo facto do corpo de docentes ser contratado pontualmente, a instituição está habilitada a mestrar em várias áreas de gestão corporativa.

Em termos de planos modulares, a escola, situada na cidade de Maputo, privilegia os que integram a sustentabilidade, responsabilidade social, assuntos corporativos e marketing digital. A escola está localizada numa zona nobre da capital moçambicana. Trata-se de instalações com gabinete "Think Thank", uma sala, e cantina. A sala é toda equipada com material de alta gama

com capacidade para acolher de uma só vez cerca de 15 estudantes, o que possibilita uma melhor interacção entre o docente e os estudantes.

O gabinete "Think Thank" é onde os "cérebros" preparam os planos modulares solicitados pela empresa.

Pessoas com todo tipo de grau académico podem frequentar a ESGCS, mas há diferenças do grau que obtido no final do curso.

"Quando o colaborador da empresa frequenta o curso sem o grau de licenciatura, ele obtém certificados por módulos. O trabalhador que frequenta o curso enquanto tem a licenciatura ou outro nível acima é que pode obter o grau de Mestre, na área em que nós formos a formar", explicou Da Silva ●



“É EM FASES DE CRISE QUE SE VÊ A FORÇA DA EMPRESA”

- afirma Fernando Couto, Presidente do Conselho de Administração da Manica

Com mais de 50 anos trabalhando nas operações de embarque e desembarque de mercadorias nos portos, a empresa Manica tem nos seus colaboradores a força para vencer os desafios decorrentes do ambiente de negócios.

Esta visão de motivação e confiança com os seus colaboradores reflectiu-se nos bons resultados no domínio financeiro alcançados em 2016, apesar de ser altura conturbada da economia em que muitas empresas se debatem com instabilidade financeira a ponto de encerrar as portas e/ou reduzir o staff.

Aliás, para a direcção da Manica as crises obrigam as empresas a redobrar esforços e reinventarem-se para superar os desafios, ou seja, “é em tempo das vacas magras onde se vê a força da empresa. O sucesso depende do engajamento da direc-



FOTOS DE SALVADOR SIGA'QUE



ção e dos trabalhadores", sublinhou Fernando Couto.

Segundo Couto, "neste momento de crise que o país atravessa, recordamos de muitas outras crises que ultrapassamos. Assegurou que a empresa tem condições humanas e materiais para resistir às

crises que vierem.

Foi nestes moldes, que a direção resolveu, no fim de mais um exercício económico, atribuir diplomas de mérito aos funcionários cujo trabalho teve notoriedade no ano de 2016.

Ao todo foram cerca de dezasse-

te (17) funcionários, com 35, 25, 15 e 10 anos de carreira na empresa, distinguidos numa iniciativa efusivamente aplaudida pelos colaboradores.

Mohmad Daúde está na Manica há 35 anos e actualmente é gerente do Departamento de Estiva e Pia-

« « « «

meamento. Depois de receber o diploma disse que "35 anos não é um brinquedo, pois é de muitas dificuldades, dias e noites vividos neste trabalho fizeram a empresa vencer. Esta situação de crise torna difícil prever o que vai acontecer, mas esperamos muito sucesso e trabalho em 2017".

Armando Bambo, encarregado de Piamento, falou nos seguintes moldes: para mim a premiação é um gesto de motivação e reconhecimento pelo desempenho dos trabalhadores.

Desejamos ultrapassar os desafios e que continuemos a trabalhar bem, independentemente das dificuldades."

Iram Ismail, chefe do Gabinete Jurídico, afirmou estar feliz por se tratar de um reconhecimento de muito trabalho e é uma consideração. "Desde que entrei na Manica até à data desempenho funções na área jurídica e sinto que o trabalho é reconhecido."

Fundo o acto das premiações, Fernando Couto disse que a entrega de diplomas demonstra que se trata de uma empresa sólida e visa "reconhecer o trabalho das pessoas que estiveram connosco ao longo dos mais de 50 anos. Isso é gratificante". Finalizou afirmando que 2017 será um ano de combate para a Manica ●

FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE



2016 ANO TÃO TRISTE DE RECORDAR!

Dois mil e dezasseis já era! E que bom que foi embora, enquanto membro da sociedade moçambicana até dá para dizer "esquece, prepara-te para o presente e o futuro." Mas porque ninguém nasceu para ter momentos tristes para toda vida, a Ídolo decidiu nesta edição recapitular resumidamente o 2016, pois quando Moçambique estiver muito feliz da vida esta será uma boa história para contar aos mais novos e fazer com que eles dêem mais valor ao que estiverem a viver.

ECONOMIA

O caso EMATUM foi dos mais mediatizados em Moçambique, no ano 2016. Por ele, o país chegou inclusive a ganhar certo destaque em órgãos de informação internacionais. O "Caso EMATUM" é uma espécie de escândalo económico através do qual o país soube que tinha várias dívidas não declaradas e desestabilizou a economia. A par do assunto EMATUM estão a falência do Nossa Banco e a crise que abalou o Moza Banco. A recessão da economia nacional foi o outro assunto mais mediatizado.

CULTURA

Foi daqueles anos em que o ramo cultural tomou o seu espaço no mundo mediático. Eventos, novas músicas, mas também polémicas. Contudo, as polémicas dos artistas musicais é que tomaram conta da "media" moçambicana. O ano foi estreado com o caso Neyma Alfredo e Eduardo Mendes, filho do actor Gilberto Mendes. Ainda nos finais de Janeiro, especulava-se que os dois tinham um relacionamento amoroso, que só viria a ser confirmado nos finais de Fevereiro. E assim iniciou um aceso debate que tinha a ver com as idades do casal, isto porque Eduardo Mendes é mais novo em relação à cantora.

Neyma chegou inclusive a ser acusada pelos participantes do debate público, que acontecia nas redes sociais e era ampliado pela "media", como sendo uma violadora de menores, isto porque se supunha que havia uma diferença de 14 anos entre o casal. O caso acabou indo abaixo após o casal ir a um programa de TV onde assumiram a relação amorosa publicamente e esclareceram que a diferença de idades era afinal de apenas quatro anos.

Logo a seguir veio o caso Mr. Bow, Maria de Lurdes, e Liloca. É! Esta polémica ocupou o espaço mediático por aproxima-

damente sete meses. Tudo começou com uma especulação relativa a um mau ambiente no casal Mr. Bow e Maria de Lurdes, que o músico se recusava a falar em público. Mas Maria de Lurdes acabou por revelar, em Junho, que estavam de facto separados. Iniciou assim uma nova especulação: possível relacionamento entre Mr. Bow e Liloca, lance amoroso que só viria a ser confirmado em Setembro. O caso Mr. Bow foi intercalado com o da cantora Matilde Conjo. A "Rainha do Pandza" até então pouco metida em escândalos mediáticos participou de um "reality show", onde acabou exibindo partes íntimas do seu corpo, causando polémica badalada pela "media" durante aproximadamente um mês.

POLÍTICA

Tensão político-militar, primeira ronda de negociações, segunda ronda, terceira ronda, impasse, comissão mista, Renamo, Governo, Filipe Nyusi, Afonso Dhlakama, paz efectiva. Pronto! No panorama político praticamente não se destacou outro assunto para além do conflito político-militar entre o Governo e a Renamo que interrompeu, de Fevereiro a Dezembro, a circulação normal de pessoas e bens ao longo da Estrada Nacional Número 1 (EN1) no troço entre o Posto Administrativo de Muxungue e o Rio Save, no distrito de Chibabava.

Durante a quadra festiva, registou-se o primeiro passo prático para a paz efectiva no país. O Presidente da República, Filipe Nyusi, e o líder da Renamo, Afonso Dhlakama, negociaram telefonicamente a trégua de uma semana, que permitiu aos moçambicanos festejarem o dia 31 de Dezembro num clima de paz.

SOCIEDADE

Criminalidade e violência doméstica estiveram muito presentes na media moçambicana. Caso mais mediatizado foi o assassinato da empresária Valentina Guebuza, a 15 de Dezembro, em Maputo. A filha de Armando Guebuza, antigo Chefe do Estado, foi barbaramente assassinada pelo seu marido em sua casa.

Destaca-se também o surgimento de alegados "esquadrões da morte" que terão feito muitas vítimas, sobretudo de pessoas ligadas à esfera política. Jeremias Pondeca, deputado pela bancada parlamentar da Renamo, é o exemplo dessa realidade.





FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE

DONA MIMI, EXEMPLO DE MULHER EMPREENDEDORA!

A férrea vontade de lutar pelo melhor sobretudo pela boa educação e formação dos seus filhos, levou a moçambicana Amélia Mutisse Nhantumbo, natural de Maputo, a imigrar para a vizinha África do Sul, juntando-se ao seu esposo que já lá se encontrava a trabalhar. Em Joanesburgo, onde decidiram fixar residência, o casal encontrou estruturas necessárias que lhes conduzisse a materialização do

seu sonho, nomeadamente a melhoria da vida. O casal reside há 21 anos na África do Sul, contando neste momento com cinco filhos. Cristã, mãe, esposa e empresária Mimi arruma tempo para se dedicar a Deus, cuidar dos filhos, do marido e da empresa, administrando colaboradores da empresa.

O processo da sua fixação naquele país compreendeu várias nuances, mas a força de vontade levou-lhe a desafiar os "impasses" até a sua superação. Em entrevista a Ídolo, Amélia Nhantumbo,

mais conhecida por dona Mimi, contou não ter sido fácil a decisão que tomou de deixar Moçambique e imigrar para África do Sul.

"Nasci e cresci em Moçambique. Foi uma aventura assumida. O meu marido já estava a trabalhar e eu decidi segui-lo. Senti-me motivada pela necessidade de melhorar a nossa condição de vida", explicou.

VEIA EMPREENDEDORA



« « « «

Como se sabe, o empreendedor é aquele que aproveita a oportunidade para criar mudanças, considerado o principal promotor dos desenvolvimentos económico e social de um país.

Com essa visão e a oportunidade de alavancar um negócio criativo e lucrativo, a dona Mimi decidiu desenvolver um negócio por conta própria, nomeadamente o de transporte terrestre internacional de passageiros. Começou aos poucos a explorar a rota Joanesburgo-Inhambane-Muxungué e vice-versa, com autocarros de 72 a 90 lugares, e o fluxo de passageiros era enorme. O negócio estava a dar bons resultados até que um dia começaram a ser introduzidos no transporte internacional de passageiros as viaturas de 15 passageiros.

"Foi nessa altura que as coisas começaram a estragar-se. Foram dez anos de intenso trabalho e os resultados eram encorajadores", disse a nossa entrevistada. Já em 2008, a dona Mimi, visionária que é, decidiu abandonar o negócio dos transportes e abraçou o ramo de panificação.

Em Joanesburgo, numa zona onde frequentam muitos portugueses e moçambicanos, abriu uma padaria com o nome de "Pão Maputo" que tem sido um sucesso. Foi com base nas rendas dessa padaria que a dona Mimi conseguiu também abrir uma pastelaria na mesma área residencial.

"É um bom negócio e com resultados visíveis. Com a padaria crescemos e acabamos por dar um outro passo com a instalação de uma

FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE



pastelaria que está a funcionar em pleno", contou.

PESADELO DE INVESTIR NO PAÍS

Apesar de estar a viver na África do Sul, a dona Mimi nunca se esqueceu do solo pátrio que o viu nascer. Com o dinheiro ganho através de negócios que realiza em Joanesburgo, decidiu apostar no mercado moçambicano. A busca de espaço para instalar um complexo comercial levou-lhe até a zona de Khongolote, um dos bairros do Município da Matola que, afinal de contas, está em expansão.

Entusiasmada com a ideia de lançar um movimento comercial activo naquela zona, a dona Mimi empenhou-se na materialização do projecto, tendo investido e avançando com a construção da infra-estrutura. Lá foi erguido um complexo onde se previa a colocação de 24 lojas. Porém, a maldita crise económica e financeira veio fazer arruinar um sonho, porque os interessados em desenvolver a actividade comercial no local não dispõem de capacidade financeira para gerir o seu negócio.

"Foi com muito esforço que instalamos este Centro Comercial Mila. A crise veio complicar-nos a vida.



Investimos imenso para a sua edificação e não temos nenhum retorno. Vimo-nos forçados a explorar uma padaria e bar. Está também a funcionar, mas em regime de aluguer farmácia, internet café e uma loja. Tudo o resto está fechado, porque não há capacidade financeira para a sua exploração", lamentou a senhora Mimi.

Ainda assim, Mimi tentou ingloriosamente mobilizar algumas empresas públicas e privadas a instalarem os seus serviços naquele local para que pudesse estar mais próximos dos respectivos utilizadores. Com o olhar vivo que a caracteriza, a nossa entrevistada foi objectiva:

"Sinto que neste país é necessário ter muita influência para que tuas iniciativas possam fluir. Precisamos muito para crescer em busca de um futuro melhor. Assim, como as coisas estão, é complicado explorar convenientemente os recursos de que o país dispõe. Estou a pensar em continuar a investir na área da panificação, abrindo mais padarias. Porém, aqui o grande problema é o facto de o Governo intervir neste sector, o que é diferente na África do Sul", disse.

Mimi é uma mulher bastante activa, guerreira e inovadora. Acarinhou pelos sul-africanos, a empresária moçambicana tem-se empenhado na promoção de actividades culturais e desportivas, procurando aproximar cada vez mais cidadãos das duas nações.

Em 2012, no âmbito das festividades dos 50 anos do Partido Frelimo, organizou um "show" musical com a participação de 22 artistas moçambicanos e pessoal de imprensa. "Todos ficaram maravilhados e pediram-me para que não parasse com iniciativas do género. Organizei mais espectáculos em que os patrocinadores foram os próprios artistas moçambicanos que participaram nas despesas inerentes à logística". Ela sente-se honrada ao organizar eventos desta natureza, porque está a fazer algo que interessa a comunidade moçambicana radicada na África do Sul.

"Enquanto tiver saúde vou continuar a promover actividades sociais que unem cada vez mais as pessoas. Tenho promovido também torneios de futebol e aqui temos uma seleção chamada Samora Machel que tem jogado com outras equipas locais. No âmbito político,

tenho colaborado em iniciativas locais do partido Frelimo, onde sou secretaria de uma das células. Ajudamos jovens que nos recorrem. Aliás, recentemente foi criada a União de Jovens Moçambicanos na Diáspora (UJOMODI), que vai dar uma outra dinâmica na organização da juventude moçambicana residente na África do Sul. A ideia é a de fazer com que os jovens

estejam mais próximos uns dos outros e unidos, lutando pela resolução de alguns constrangimentos que surgem no seu dia-a-dia".

Com um quase imperceptível sorriso, a dona Mimi confessou-se muito feliz e realizada por ter conseguido atingir um dos mais altos patamares na íngreme escadaria da vida, sobretudo pela formação dos seus filhos em cursos superiores de recursos humanos e engenharia civil.

"Estou a realizar o meu sonho, com total apoio da minha família. O meu esposo António Lopes Nhamumbo e os meus filhos são o meu pilar. Eles me dão força e vontade para continuar lutar pelo melhor", disse destacando igualmente as boas relações que têm mantido com às autoridades diplomáticas moçambicanas na África do Sul ●

NOME COMPLETO: Amélia Mutisse Nhamumbo

NATURAL: Maputo

IDADE: 45 anos

ESTADO CIVIL: Casada

PROFISSÃO: Empresária

COMIDA PREFERIDA: Frango

BEBIDA: Whisky John Walker Black

ESTILO DE MÚSICA: Mix



FOTOS DE SALVADOR SIGAÚQUE

EMBAIXADOR DA CHINA VISITA REVISTA ÍDOLO

– O representante diplomático da República Popular da China, Sun Jian, efectuou uma visita de cortesia às instalações da Revista Ídolo, onde se inteirou das diversas etapas de produção deste produto de mídia.

Sun Jian foi recebido pelo Director Geral da Revista Ídolo, Gervásio de Jesus, e convidado para se inteirar do funcionamento desta instituição de mídia.

De Jesus explicou o funcionamento da instituição por sector de actividade, redacção e administração. Em resumo deu a conhecer o

percurso da revista desde a sua criação até ao presente, exibindo as primeiras edições e marcantes de 2009 a esta parte, bem como as projecções para os próximos anos.

"Somos uma das melhores revistas em circulação no país. Porém, queremos crescer ainda mais e apostamos na expansão dos nossos serviços para fora de Maputo", frisou De Jesus. Aquele

responsável defendeu que o órgão procurou sempre primar pela transparéncia, isenção e imparcialidade no tratamento e difusão de conteúdos diversos, isto para além de, segundo disse, promover ideias e iniciativas que compactuam com os desafios da actualidade, sobretudo no que toca à economia e es-





« « « «

tabilidade social.

No fim da visita, Sun Jian disse ter ficado com a impressão de que "esta revista trabalha muito, profissionalmente, para servir os seus consumidores, principalmente neste momento difícil para todos moçambicanos. Notamos que os profissionais trabalham com toda

dedicação, empenho e com espírito de sacrifício, o que merece muito o nosso respeito."

Jian disse igualmente ter confiança que é possível chegar a uma parceria no sentido de explorar as oportunidades de cooperação de amizade tradicional entre China e Moçambique, usando este espaço de divulgação.

Segundo ainda o embaixador,

há necessidade deste meio de comunicação dar o seu contributo na perspectiva de explorar o andamento dos projectos de investimentos da China em Moçambique, sustentando que "a população tem muito interesse em saber como funciona e qual é o resultado destes investimentos para o desenvolvimento económico e social de Moçambique." ●



100% MÁXIMO É CONQUISTA DOS MOÇAMBICANOS

- considera Henrique Aly, produtor e apresentador da SuperSport, que sugere ser apenas embaixador da competência dos profissionais de Moçambique

moçambicano e rosto incontornável da SuperSport da África do Sul, uma das maiores cadeias de televisão no mundo. Produtor, jornalista, apresentador, comentador, analista, realizador, Henrique Aly com 24 anos de carreira, natural de Maputo, é o esteio da SuperSport e muito admirado pelos telespectadores angolanos. É, acima de tudo, um profissional multimédia e que se encaixa facilmente nos eixos em que intervém. Apresenta com elegância e amplitude ímpar o 100% Máximo, um dos melhores programas da SuperSport, que agrega uma boa massa adepta. Tamanha experiência o fez desenvolver uma visão crítica sobre a televisão e o jornalismo em Moçambique.

O apresentador do programa 100% Máximo, com seguidores nas suas páginas do Facebook e Instagram, concedeu uma entrevista à Ídolo na qual falou sobre muitos assuntos relacionados com a TV e a sua carreira

na SuperSport Máximo. Confira as partes essenciais da conversa.

IDOLO (I). O que lhe motivou a ter de emigrar para a África do Sul?

HENRIQUE ALY (H.A) - Uma nova oportunidade no mercado de trabalho e a ambição de experimentar novos desafios na carreira profissional.

I - Como descreve a sua integração na SuperSport?

H.A - Fantástica, porque facilitada a todos os níveis.

I - Quais as diferenças constatadas e/ou vividas no exercício da actividade profissional entre África do Sul e Moçambique?

H.A - Os meios de trabalho mais evoluídos, o respeito pelo profissional que se destaca pelo seu desempenho, a valorização da competência e uma remuneração mais condigna em função de se estar inserido numa economia mais robusta, obviamente.

I - Partilhe com os leitores da Ídolo a sua experiência de fazer televisão na África do Sul como apre-

sentador, narrador e comentador.

É TRISTE PERCEBERMOS QUE OS ANGOLANOS, CABO-VERDIANOS, SÃO-TOMENSES E GUINEENSES SE ORGULHAM MAIS DE NÓS DO QUE ALGUNS MOÇAMBICANOS...

H.A - É uma experiência bastante positiva pela realização profissional, por liderar um projecto por mim iniciado com o apoio incondicional da senhora Sofia Silva, a directora dos canais Máximo e por poder sentir o impacto da minha actividade através da interacção que mantenho com um largo universo de telespectadores. Devo esclarecer que não estou sozinho na SuperSport e um senão talvez seja a frustração de percebermos que em alguns quadrantes do universo de telespectadores dos canais





De pé: Henrique Aly e Zeca Marques. Sentados Paulito (a esquerda) e Oliveira Gonçalves (a direita)

««««

Máximo (sobretudo aqueles onde se encontram algumas elites) assiste-se à televisão "de régua e esquadro na mão" e o que mais se ouve como retorno são as críticas destrutivas e até alguma ridicularização de profissionais que, apesar das suas limitações, dão o melhor de si para dignificarem o nome de um país ao serviço de um canal internacional de televisão. É triste percebermos que os angolanos, cabo-verdianos, são-tomenses e guineenses se orgulham mais de nós do que alguns moçambicanos... É terrível observar, no meu caso, que não se aproveita a oportunidade de se ter um moçam-

bicano que produz e apresenta um programa num canal que é visionado em mais de 50 países, para mais e melhor se promover o conteúdo desportivo de Moçambique, os seus praticantes e agentes. Infelizmente, cultivamos um sentimento de desvalorização sistemática do que é nosso. Lembro-me de que há alguns anos demos luz a uma vasta campanha designada "Made in Mozambique", mas parece que o conceito nunca foi totalmente abraçado por muita gente... Isto não quer dizer que no exercício do ofício não cometemos erros que mereçam a pronta crítica e sugestão de correção por parte de quem nos vê e ouve.

APRENDEMOS A NOS APAIXONAR POR VÁRIAS MODALIDADES AO MESMO TEMPO E ISSO É O FACTOR POR DETRÁS DA MINHA CAPACIDADE DE NARRAR VÁRIAS MODALIDADES

I – Você é jornalista de profissão, mas muitas vezes aparece a exercer apenas a função de apresentador e narrador. Não sente saudades de fazer reportagens?

H.A – Sinto imensas saudades de ir ao encontro das pessoas e contar as suas estórias, de visitar lugares novos, por vezes recônditos e des-



Produtores do 100% Máximo

cobrir coisas interessantes para narrar e creio que é algo que voltei a fazer porque me faz falta.

I – Quais são os principais ganhos obtidos estando a trabalhar há mais de dez anos para uma televisão estrangeira?

H.A – Os principais... acabam por ser todos os ganhos que resultam da apreciação e valorização do meu trabalho ao que acresço a possibilidade de crescer numa área onde até chegar à SuperSport exercitava pouco: a narração e o comentário.

I – Pode se dizer que você é um profissional de comunicação multifacetado. Explica como consegue conciliar a narração de diferentes desportos. Em qual deles se sente bem a fazer narração e porquê?

H.A – Talvez se ria da minha resposta... mas se olharmos em retrospectiva para o pesado período colonial e todo o mal que nos

foi infligido durante cinco séculos destacaria apenas duas coisas positivas no caso particular das ex-colónias portuguesas; a excelente culinária (risos) e a cultura desportiva. Aprendemos a nos apaixonar por várias modalidades ao mesmo tempo e isso é o factor por detrás da minha capacidade de narrar várias modalidades. Permita-me destacar aqui um

colega e amigo que considero ainda mais multifacetado do que eu: Óscar Paul com quem aprendi imenso sobre como ser capaz de narrar várias modalidades com igual rigor e verdade. Honestamente, não sei apontar uma modalidade que privilegie em detrimento das outras; Gosto de tudo o que faço! Mas se quiser que distinga uma como um mero adepto dir-lhe-ei, sem reservas, que o basquetebol é o meu grande amor.

100% MÁXIMO
REPRESENTA UMA
CONQUISTA DOS
PROFISSIONAIS DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL
MOÇAMBICANOS E O
HENRIQUE ALY DEVE SER
SEMPRE VISTO COMO
UM MERO EMBAIXADOR
DA COMPETÊNCIA DOS
PROFISSIONAIS DE
MOÇAMBIQUE

I – Você é produtor e apresentador do programa 100% Máximo. O que representa para si este programa? Acha que o formato adoptado é o mais apropriado? O que acha da audiência do programa? Sente que o programa tem correspondido à expectativa dos telespectadores?

H.A – O 100%Máximo representa uma conquista dos profissionais de comunicação social moçambicanos e o Henrique Aly deve ser sempre visto como um mero embaixador da competência dos profissionais de Moçambique, não sendo nem de longe nem de perto o melhor deles, mas apenas mais um exemplo do que se pode encontrar na famosa "Pérola do Índico". Recordo que antes da SuperSport trabalhei cerca de oito anos na RTP e em 2005 estive alguns meses em Portugal como apresentador do "Repórter África", o jornal diário da RTP África, ou seja, a nossa competência e o nosso profissionalismo são reconhecidos além-fronteiras e orgulho-me de pertencer a essa família de profissionais do audiovisual moçambicano. Reconheço que tive oportunidades que muitos não tiveram,



apesar de serem suficientemente qualificados e capazes. Portanto, é isto o que representa para mim ser o primeiro moçambicano a trabalhar como apresentador num canal de TV internacional. Quanto ao formato do programa devo dizer que o mesmo é ajustado e reajustado em função da demanda de quem o assiste. A audiência é massiva em Angola onde pelo 7º ano consecutivo foi eleito pelos telespectadores o melhor programa produzido nos canais Máximo. Em Moçambique... honestamente não lhe posso dizer qual tem sido o nível de aceitação... E talvez a culpa seja nossa por uma deficiente divulgação do mesmo. Já agora agradeço imenso esta oportunidade que me concede e espero que a "Ídolo" ajude nesse sentido.

**OS ANGOLANOS
ADOPTARAM O
PROGRAMA E SENTEM-NO
COMO SEU, PARA GRANDE
FELICIDADE NOSSA.
SONHO COM O DIA EM
QUE OS MOÇAMBICANOS
FARÃO O MESMO,
SEREI CERTAMENTE
UM PRODUTOR E
APRESENTADOR BEM MAIS
REALIZADO**

I – Que avaliação faz da participação dos telespectadores angolanos e moçambicanos no programa?

H.A – Os angolanos adoptaram o programa e sentem-no como seu, para grande felicidade nossa. Sonho com o dia em que os moçambicanos farão o mesmo, serei certamente um produtor e apresentador bem mais realizado. E aqui fica a minha respeitosa vénia a



todos aqueles telespectadores que religiosamente às quartas-feiras nos honram com o carinho da sua audiência. São de facto espectaculares e tenho muita pena de não podermos dar vazão ao volume de chamadas que recebemos dos mais diversos cantos de Angola. Enfim, o programa começou em 2007 com 30 minutos de duração, ao fim de

há alguns anos evoluiu para 60 minutos e agora está com uma hora e meia! E sempre que termina mais uma edição sobra a sensação de que o tempo não nos chega para acomodarmos tudo e todos. É bom sinal (risos).

I – O que falta preencher no programa para torná-lo mais representativo na sua perspectiva?

H.A - Falta termos mais gente anónima a participar nele. Por outro lado e ainda bem que me coloca esta questão, falta os senhores que detêm os direitos televisivos do GIRABOLA e do MOÇAMBOLA terem mais respeito pelas leis de imprensa que vigoram em Angola e Moçambique para permitirem que à luz do direito universal à informação de utilidade pública as nossas equipas de reportagem deixem de ser impedidas de captar imagens para efeitos de produção de resumos informativos. O 100% Máximo é um programa de informação desportiva e não um veículo de transmissão ou retransmissão de conteúdos integrais, seja de que evento ou modalidade for e temos experimentado muitas dificuldades nesse aspecto.

I - Como vê o jornalismo moçambicano actualmente e qual é o seu maior sonho?

H.A - O que acompanho pelos jornais e pelos canais de televisão deixa-me num misto de alegria e tristeza. Por um lado, replicam-se os exemplos de bons jornalistas, bons articulistas, excelentes analistas e bons repórteres (tenho muitas saudades das reportagens do Simeão Ponguana!) Mas vejo, igualmente, um jornalismo que à luz de uma camuflada liberdade de imprensa se excede na retórica opinativa e despreza a necessidade de se documentar com factos para produzir a informação credível. Posso acrescentar neste lado que para mim é mau aquilo a que me permito apelidar de apadrinhamento pérfido dos órgãos de informação públicos às práticas menos conseguidas do governo do dia. Parece-me que muitos jornalistas

se esquecem da sua responsabilidade profissional como veículos de interlocução entre a sociedade civil e a liderança política do país e vice-versa; no fim quem mais se penaliza é essa sociedade que não vê fielmente reproduzido o seu pensamento e tão-pouco vê reflectida na acção governativa a resposta aos seus inúmeros anseios.

«RECONHEÇO QUE TIVE OPORTUNIDADES QUE MUITOS NÃO TIVERAM, APESAR DE SEREM SUFICIENTEMENTE QUALIFICADOS E CAPAZES. PORTANTO, É ISTO O QUE REPRESENTA PARA MIM SER O PRIMEIRO MOÇAMBICANO A TRABALHAR COMO APRESENTADOR NUM CANAL DE TV INTERNACIONAL.»

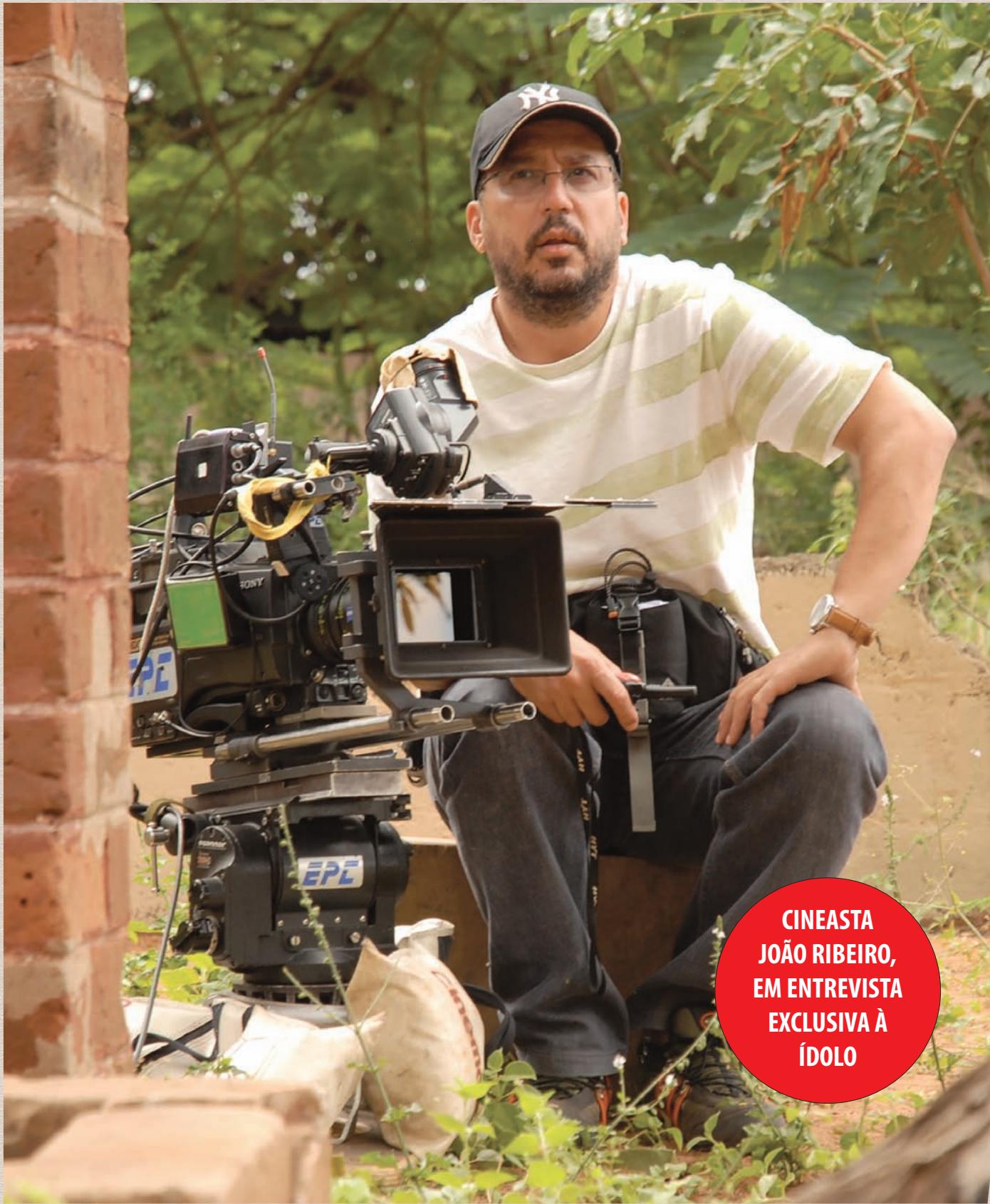
I - Que conselho deixaria para outros profissionais moçambicanos de comunicação?

H.A - Que apostem sempre na sua formação e capacitação e que exerçam a profissão com paixão e sempre que necessário com espírito de missão. Não pensem na comunicação social como a porta para a acumulação de riqueza, nem trabalhem a pensar em ser galardoados com "Pulitzers"... Exerçam o ofício com isenção de modo a que sempre que encostarem a cabeça numa almofada ao fim de mais uma jornada de trabalho possam dormir um sono tranquilo por se sentirem profissionais responsáveis e, acima de tudo, cidadãos dignos.

I - Há quanto tempo está a exercer a profissão? Faça um curto re-

sumo do seu perfil. Qual é o seu país de sonho; Estado civil; Comida preferida; marca de viatura; Livro que está a ler; Bebida preferida; Seu ídolo.

H.A - Entrei para a televisão em 1993, portanto, há cerca de 24 anos... Fui fazendo formação entre Moçambique e Portugal enquanto exercia a profissão e hoje sou produtor, jornalista, apresentador, comentador, analista, realizador... Mas não tenho tempo para exercer todas as funções, claro... (risos). Houve e continua a haver gente muito importante que pavimentou a estrada do meu percurso profissional e se tudo o resto que lhe disse até agora não couber nas páginas da "Ídolo" prometa-me que estes nomes constarão do texto final: Suzana Rita Jeremias, Anabela Adrianopoulos, José Passe, Sérgio Marcos Chitsembe, Mahomed Galibbo, Rosabela Afonso, Fernando Gomes, Isabel Silva Costa e Henrique Vasconcelos. Peço perdão mas é um dever de consciência expressar o meu sentido "khanimambo" a estas figuras. O meu país de sonho é, sempre foi e continuará a ser, Moçambique porque acredito que um dia ainda viverei tudo o que o meu país tem para me oferecer. Viajo muito e já estive em lugares lindos, com gente maravilhosa, culturas interessantes e cada vez mais me convenço de que Moçambique é o melhor país do mundo. Basta que seja erradicada a minoria que impede que o ideal de Eduardo Mondlane se concretize. Ela está identificada e não durará para sempre. Divorciado, mathapa com arroz, Volvo, "Manuscrito Encontrado em Accra" (da autoria de Paulo Coelho), água, Michael Jordan ●



A VONTADE DE CONTAR “ESTÓRIAS” ATRAVÉS DO CINEMA

Nasceu na belíssima cidade de Mocuba, na província da Zambézia. Aos 17 anos, já era professor do ensino secundário em Quelimane, mas o gosto pela imagem falou mais alto, por isso, deixou-se influenciar pelas exibições de cinema europeu das décadas 70 e 80. Era o início de uma paixão pela sétima arte, que mais tarde, inspirado pela vontade de contar histórias através da imagem, o levou a atravessar mares e fronteiras rumo à Escola Internacional de Cinema em Cuba, onde aperfeiçoou a sua arte.

Falamos de João Ribeiro, um dos nomes sonantes em Moçambique quando o assunto é cinema. O realizador e produtor, em entrevista exclusiva a ÍDOLO, narra a sua trajectória desde Mocuba, capital do país, até Cuba, o contributo das suas obras para o crescimento da indústria cinematográfica no país e a sua projecção internacional ao integrar equipas de produção de Hollywood.

Nos tempos de hoje, Ribeiro defende o conceito de modernização de salas de cinema, que permita levar as exibições às comunidades. Acompanhe a entrevista na íntegra.

I – Conte-nos um pouco da sua infância, onde nasceu e como foi a sua juventude.

JR – Nasci em Mocuba, na província de Zambézia, em 1962, e depois fui viver para Quelimane com os meus pais que, na altura, haviam sido transferidos por missão de serviço. Fiz uma parte da minha infância e juventude em Quelimane. Comecei a trabalhar muito cedo em 1980, como professor. Fiz formação de ensino de educação física na altura em que havia uma Escola de Formação de Professores em Quelimane. Depois da formação, em 1980, comecei a dar aulas nas escolas secundárias, nessa altura tinha apenas 17 anos.

I – Estamos a falar de uma altura, pós-independência, em que o país tinha insuficiência de quadros nas áreas de Educação e Saúde. Foi nesta vertente que conseguiu ser

professor com apenas 17 anos?

JR – Sim, na altura não escolhíamos o que queríamos ser. Eram poucos os jovens que escolhiam o que queriam fazer. E o ensino era uma área fundamental. Recordo que eu estava a estudar construção civil, mas tive que mudar para fazer formação para professor de Educação Física.

I – Então, em que momento da sua vida apaixonou-se pelo cinema?

JR – Eu já tinha contacto com a fotografia desde cedo. Aliás, foi nessa escola que alguns professores que tinham uma paixão pela fotografia ensinaram-me mais, permitindo com que eu tivesse acesso a outra forma de fazer fotografia. A partir daí fiquei ligado às câmaras. E com o surgimento da Televisão Experimental (TVE) comecei a fazer uma ligação mais séria com a imagem. Em 1987, saí da Educação e comecei a trabalhar no Ministério da Informação como delegado provincial do Instituto Nacional do





Cinema (INC), na Zambézia. A primeira tarefa que tive foi a de fazer distribuição, exibição e controlo das seis salas de cinema daquele província, que exibiam, todos os dias, filmes que vinham de Maputo. Esta foi a porta de entrada para o mundo profissional de cinema.

Em 1989, vim para Maputo e comecei a trabalhar no INC como Chefe do Arquivo de Filmes e depois na Produção como Coordenador, mais tarde fui para a Escola Internacional de Cinema e Televisão de San António de Los Baños em Cuba, e quando regressei já vinha como Realizador e Produtor. Então, comecei a desenvolver projectos. Na altura tinha havido um incêndio muito grande no INC e quase não se fazia cinema. Então, comecei a fazer os meus próprios projectos junto a colegas que já tinham uma produtora (a Ébano Multimédia).

I – Essas realizações e cargos que ocupou na área de cinema durante sua trajectória desde Zambézia à capital do país até chegar a Cuba eram o sonho daquele menino que nasceu em Mocuba ou as coisas foram simplesmente acontecendo?

JR – Depois da Independência nós exibimos, em Moçambique, muito bom cinema. Não havia nessa altura televisão, mas haviam salas de cinema que exibiam todos os filmes de grande qualidade produzidos no mercado europeu nos anos 60, 70, 80.

Isto me motivou. Eu e meu grupo de amigos víamos um filme todos os dias. Eu tinha 13-14 anos. Não havia televisão, por isso não tínhamos outras formas de diversão, pois íamos ao cinema, enga-

FOTO DE SALVADOR SIGAÚQUE



návamos o porteiro porque havia vezes que o filme era para maiores de 18 anos. Não só íamos ver o filme, como também discutímos a estória do filme. Isso desenvolveu a relação com a imagem.

Discutímos a estória do filme através dos cartazes. Esta ligação com o cinema começou nessa altura, ver e discutir os filmes, falar sobre os actores e realizadores.

I – Quando começou a lidar com o cinema de uma forma profissional, o que mais lhe impressionou?

JR – Primeiro a vontade de contar estória através do cinema. Segundo, o facto de ser uma arte especial, ou seja, é a mais colectiva das artes. Eu sou uma pessoa que gosta de trabalhar em colectivo e também assim criar. O cinema permite isso.

I – Que tipo de estórias mais lhe dá prazer de contar nas suas produções?

JR – O género é a ficção. Estórias do nosso dia-a-dia, estórias que tenham um sentido crítico, estórias que façam uma análise do

presente e que extrapolem sobre o futuro, e que, acima de tudo, além da crítica, do seu posicionamento, seja algo divertido de se ver. O mais importante é que essas estórias toquem o público, para que se riam ou chorem, mas que se emocionem.

I – De todo o percurso que já fez no mundo do cinema, qual é o filme que mais lhe marcou?

JR – Todos os meus filmes. Os filmes em que eu sou autor, realizador, produtor e até os filmes em que participei como co-produtor.

Entretanto, me dá mais orgulho a minha única longa-metragem, o "Último Voo do Flamingo." Pela sua dimensão, o valor do orçamento e pelo tempo que me levou a fazer. Mas não quero dizer que as outras obras não me deixaram orgulhoso.

Ao nível das obras dos outros, a minha maior realização foi ter feito parte da equipa que fez o filme com Leonardo DiCaprio, "Blood Diamond." A oportunidade de trabalhar em mais uma produção da



Hollywood, ter sido parte da equipa com um papel fundamental na rodagem feita em Moçambique. É um dos filmes que me deixou orgulhoso e marcou o meu currículo.

**...ACHO QUE MIA COUTO
NÃO É UM ESCRITOR, É
UM DESENHADOR, UM
PINTOR UM DESENHADOR
DE PALAVRAS. E SUA
FORMA DE ESCRITA É
UMA BOA BASE FÍLMICA.**

I – No filme “O Último Voo do Flamingo”, cuja estória é extraída de um livro de um autor moçambicano, Mia Couto, quer falar um pouco dessa experiência de dar imagem e movimento a uma obra literária?

JR – Todos os filmes têm por base um guião e o guião é uma base escrita. O filme é sempre a

transposição do que está escrito no papel. Como guião de longametragem “O Último Voo do Flamingo”, eu escolhi o livro de Mia Couto, e este foi o quarto filme que fiz com base nas obras de Mia.

I – Porquê?

JR – Eu, gosto muito de Mia. Acho que é o nosso escritor-mor. A sua forma de escrita é visual. Eu tenho um documentário sobre ele que se chama exactamente “O Desenhador de Palavras”. Isso porque acho que ele não é um escritor, é um desenhador, um pintor, um desenhador de palavras.

E essa pintura, o desenho e a criação de palavras, para mim é uma boa base fílmica. O autor ou cineasta pode se inspirar em algo que vê, lê ou que ouve. Para mim, foi um grande prazer porque juntei duas coisas, primeiro um bom au-

tor e depois uma história fantástica, a possibilidade de transformar essa estória em filme me deu a maior alegria.

I – Actualmente, vemos uma grande invasão neste campo de criação, espero não estar equivocado. Já temos filmes nacionais, mas são poucos promovidos. As novas gerações, por exemplo, o que conhecem do cinema é a Hollywood, qual é o seu ponto de vista?

JR – Esta é uma luta constante em todas as partes do mundo. Primeiro passa pela criação de políticas. Tem de haver políticas que permitam que se faça essa promoção, que se exiba o conteúdo próprio. Portanto, tem que haver regras. Agora há, por exemplo, uma lei de audiovisual que estabelece uma quota de conteúdo nacional. No entanto, não se determina que tipo de conteúdo nacional se pretende, porque mesmo um programa de estúdio onde um apresentador fala durante uma hora, também é conteúdo nacional. Portanto, se for simplesmente definido que tem que haver 16 ou 18 horas de conteúdos nacionais não é o suficiente.

A política não pode funcionar em si se não houver produção. Olha, uma TV trabalha 24 horas por dia, e nós perguntamos, onde está esse conteúdo nacional? Se puser todos os filmes nacionais numa televisão, quantas horas isso poderá aguentar na programação? Quantos filmes existem desde a Independência até agora?

Tem que haver uma combinação de factores, criar mecanismos para que haja produção e criar condições para a exibição desse conteúdo. Por exemplo, as salas





de cinema têm de ser obrigadas a exibir filmes nacionais quando estes existem. E não é exibir um dia para dizer que cumpriu o calendário. Se possível, criar formas de compensar o exibidor para manter o filme durante um determinado período em exibição.

O cinema é uma indústria e essa indústria tem uma cadeia de valor, temos que ter toda essa cadeia de valor no lugar para que ela possa funcionar.

I – No seu ponto de vista, o que deveria ser feito para termos uma produção cinematográfica robusta?

JR – Uma medida fundamental é criar um fundo regular de apoio à produção cinematográfica que permita a sucessão de trabalhos, porque não basta haver um filme é preciso fazer sempre, regularmente. E, tem que haver diferenciação, sejam longa-metragem, curta-metragem, animação ou experimental, para que haja desenvolvimento. Não se pode fazer um filme a cada três anos. Por exemplo, recentemente saiu ou vai sair um filme de Licílio Azevedo e do Sol Carvalho, nos últimos três anos estes são um dos únicos filmes a sair.

SE O ESTADO NÃO TEM ESSE CAPITAL PARA APOIAR A PRODUÇÃO TEM DE INTERVIR PARA QUE SE CONSIGA ESSE VALOR. O INAC DEVERIA FAZER ESTE PAPEL, MAS NÃO HÁ ESSE ESFORÇO

I – Vemos alguns jovens atrevidos nisto de fazer cinema, com recursos limitados. O que tem a dizer

sobre estes?

JR – São filmes pequenos e experimentais feitos em casa e com poucos meios. Mas, nem tudo que se faz é arte, nem tudo que se faz é cinema para o público.

Portanto, tem que haver alguns requisitos. Estes concursos e apoios à produção que mencionei iriam esclarecer esses critérios. Para isso, o Estado tem um papel fundamental. Se o Estado não tem esse capital tem que intervir para que se consiga esse valor. O Estado pode trabalhar com outros organismos como organizações internacionais, as embaixadas e cooperação, entidades e sector privado, de modo a facilitar os apoios à produção cinematográfica.

O INC deveria fazer este papel, mas não há esse esforço. Tem que haver isso primeiro, depois uma legislação que obriga a divulgação.

Os meus filmes são feitos com apoios externos, porque eu sei onde ir buscar, mas nem todos os apaixonados pelo cinema sabem onde ir buscar os apoios. É aí onde o Estado tem de intervir e dizer na França, na Alemanha há estes e aqueles apoios, façam de x e y... apoia a maneira de conseguir-se pelo menos, candidatar a esses fundos, por exemplo.

...A TEORIA DE QUE AS PESSOAS JÁ NÃO VÃO AO CINEMA POR CAUSA DA INTERNET É UTOPIA!

I – O desenvolvimento tecnológico trouxe uma mudança significativa na forma como no acesso a obras cinematográficas. Por exemplo, a internet permite com que as pessoas tenham acesso a filmes de grandes indústrias, como

a Hollywood. Sente que isso é um factor desmotivador para as salas de cinema, na medida em que através do computador ou smartphone é possível fazer os downloads de filmes que quiserem ver?

JR – Isto é uma utopia!

Em Moçambique, a taxa de penetração de internet é das mais baixas do mundo. Portanto, é preciso pensar quantas pessoas têm acesso a estas tecnologias e quantas podem pagar para ter internet, e quantas pessoas podem pagar para fazer o download desses filmes. A classe média actualmente luta com problemas económicos. Duvido que nessa classe média as pessoas façam os downloads dos filmes que querem, pois estão preocupadas em como gerir melhor a sua banda larga. Por isso, essa teoria é uma utopia.

Quantas pessoas têm smartphones e computadores? Veja que mesmo em locais onde essa tecnologia existe, há salas de cinema e filmes a serem exibidos e com muita afluência das pessoas.

Isso é um falso argumento de quem não quer promover o cinema. Um filme americano, por exemplo, que é feito hoje, sai em mais de 100 países com cerca de 30 salas em média. Portanto, este é um negócio que funciona há muitos anos e está muito bem estruturado. É verdade que aqui em Moçambique deixou de existir.

I – No país, em particular na cidade de Maputo, tínhamos muitas salas de cinema, que a dada altura encerraram as portas e foram alocadas para outros fins, algumas, por exemplo, converteram-se em bares e casas de pasto. Como produtor de





filmes como olha para isto?

JR - Basta ver que nesse processo há salas que foram vendidas por 100 mil e foram novamente compradas pelo mesmo Governo por um milhão. (...risos) É certo que o Estado não podia continuar a gerir um património que não conseguia dar vazão, isso fazia parte de uma série de medidas de reestruturação do património do Estado. Entretanto, nem todas essas vendas foram feitas com base na lei, pois estava determinado que o comprador fosse a primeira pessoa que habitasse e que o património não podia ser vendido para outra pessoa dentro de um determinado tempo.

Mas nada disso aconteceu. As pessoas compravam e no dia seguinte vendiam. E este património foi delapidado. A venda das salas de cinema deveria ter seguido regras, as pessoas que compraram as salas e desviaram os objectivos deveriam ter perdido a posse. E se as regras tivessem sido respeitadas e o Estado tivesse feito um acompanhamento o cenário seria outro.

As salas do Gungu, Avenida e Scala, que foram vendidas a operadores culturais nacionais, ainda continuam a operar dentro do seu âmbito, fazem cultura, promovendo o teatro e exposições. Ao contrário das salas que foram vendidas a operadores que não têm nada a ver com a cultura, onde é que estão?!

TEM DE HAVER OUTROS CONCEITOS DE SALAS DE CINEMA. LEVAR O CINEMA PARA AS COMUNIDADES

I - Ainda sonha em ver reactivas das as salas de cinema e ver uma diversidade na exibição de filmes?

JR - Tem de haver outros conceitos de salas de cinema. O conceito de cinema não é mais de 1000 lugares, já vemos aqui em Maputo, com a experiência da Lusomundo, salas de 200 lugares. Outro exemplo que temos é o da África do Sul, que promoveu o cinema em salas contentorizadas com 30-40 cadeiras, um bom projector, boa qualidade de som e ar-condicionado.

Tem de haver uma modernização do conceito de salas de cinema. Levar o cinema para as comunidades é uma alternativa.

I - Já agora. Que conceito João Ribeiro tem de cinema?

JR - O cinema é uma viagem. O filme faz viajar. Fazer uma exibição em público, ao ar livre, onde as pessoas sentam-se no chão, não deixa de ser uma viagem, mas numa outra dimensão...

I - Não poderíamos terminar esta entrevista sem que deixasse uma mensagem para as pessoas que o admiram, os fãs e amigos.

JR - Não sei se essas pessoas existem (risos). Bem! Eu continuarei a trabalhar, fazer o que mais gosto que é cinema. Tenho projectos ainda por vir, nomeadamente uma longa-metragem que está já em preparação e espero

que as pessoas continuem a gostar do que faço. Agradeço muito a essas pessoas e peço que elas continuem a depositar sua confiança em mim.



PERFIL

Nome: João Ribeiro

Nacionalidade: Moçambicana

Local de nascimento: Mocuba, Zambézia.

Ano: 1962

Prato preferido: Cada prato tem o seu momento (risos...)

Tempos livres: Ler, piscina, ouvir música, conversar

Viagem: Voltar a alguns sítios como Rio de Janeiro, Nova Iorque

Desporto: Básquete

Escritor favorito: Mia Couto



SEMPRE SONHEI COM O ESTRELATO

– confessa Lourena Nhate, que apostava na marrabenta para trazer alegria para o povo moçambicano



Nasceu a 26 de Agosto de 1987 na Cidade das Acácias, a capital moçambicana, e abraçou a música aos 17 anos de idade. Participou de um dos mais notáveis "Reality Show's" já havido no país e aperfeiçoou-se como cantora de música ligeira moçambicana. Hoje é uma das vozes mais ouvidas em Moçambique. Falamos de Lourena Nhate, uma jovem cantora que, nos últimos tempos, tem vindo a atrair atenção e arrastando consigo milhares de pessoas e fãs, ganhando espaço, de forma ímpar, na arena internacional.

Artista, sonhadora e batalhadora, estas foram as três palavras-chave com as quais a menina da marabenta se auto-characterizou durante a entrevista exclusiva concedida à Ídolo. O ritmo com o qual se projectou na indústria musical continua até hoje sendo o DNA das suas obras e é, naturalmente, uma das etiquetas da nossa identidade cultural, mas profundamente da região sul.

É de "pequeno que se torce o pepino", diz o velho adágio popular, e com

Lourena Nhate não foi diferente, pois a sua paixão pela música remonta desde a sua infância: "aos oito anos já cantava na igreja, onde aprendi algumas técnicas vocais. Era uma das destacadas, por isso nunca parei e em qualquer lugar cantava, em casa no banheiro (...risos) e na escola. Recordo-me que fazímos concursos de canto", narrou a artista.

O "FAMA SHOW" FOI UMA PORTA DE ENTRADA PARA A PROFISSIONALIZAÇÃO NO MUNDO DA MÚSICA

Era, no entanto, o começo de uma grande vitória. O sonho de subir ao palco, cantar e encantar o público, tornou-se realidade quando, aos 17 anos, a artista foi apurada para participar da primeira edição de um dos maiores "Reality Show's" do país, o "Fama Show", programa televisivo do canal privado STV.

Lourena Nhate reconheceu que o "Fama Show" foi o lugar onde a sua carreira ganhou visibilidade, e onde reuniu a experiência necessária para ser a cantora que é hoje.

No "Reality Show" Lourena foi das poucas que chegou à fase final. "Já me sentia vencedora porque a cada gala ia ganhando mais experiência. O simples facto de ter participado e chegado à final fez com que eu me sentisse vencedora", frisou.

Segundo a artista, a admiração pela sua "performance" em palco não veio só do público que votou pela sua permanência no "Fama Show", mas também de alguns artistas na altura bem conceituados no mercado, facto que explica a gravação das primeiras músicas ao lado de nomes como Oliver Style, Tabazil, Neyma e Mr. Bow, pouco depois do fim do concurso.

"A VONTADE DE SER UMA ESTRELA, SEMPRE FOI MEU SONHO"

Do canto coral ao "Fama Show", do lançamento das primeiras obras aos palcos da Pérola do Índico, de Moçambique aos palcos da diáspora, eis o resumo da trajectória de Loure-





na Nhate. Diante destas conquistas, questionamos a entrevistada sobre o que lhe inspirou a lutar para conquistar espaço na arena artística.

Lourena tinha a resposta na ponta da língua: "a vontade de ser uma estrela, sempre foi meu sonho" e acrescenta: "quando eu olhava para as grandes estrelas da música moçambicana, sempre que houvesse um "show", eu estava lá, era um sonho. Eu tinha isso dentro de mim, e sempre me questionava como eu poderia chegar ali onde estão as estrelas, mas quando se é criança ou adolescente não se sabe por onde começar e como fazer para chegar ao topo."

LEVAR A CULTURA MOÇAMBICANA PARA A DIASPORA

Com um vasto repertório em termos temáticos, a estrela tem brilhado dentro e fora de casa. É que nos últimos tempos, Lourena Nhate não falta nos cartazes de espectáculos, cerimónias e eventos privados, o que lhe tem valido viagens além-fronteiras. China, Turquia, Alemanha e África do Sul são dos mais recentes exemplos. Razões há de sobra para considerar as suas obras uma mestiçagem de vozes, ritmos e culturas, visto que esta artista não se centra apenas em levar a cultura moçambicana para a diáspora, como privilegia parcerias com músicos de culturas e países diferentes.

Mais recentemente, Lourena Nhate trocou experiências com um dos nomes sonantes da música sul-africana, o cantor Ringo. Desse intercâmbio resultou a produção

de uma música intitulada "Na Bonga Papa", cujo ritmo divide-se entre três culturas, nomeadamente de Moçambique, África do Sul e Suazilândia.

"Ni Famba na Wena" é também um dos temas que contribuiu para a internacionalização da artista, isto porque o vídeo-clip da mesma foi gravado na República Popular da China. O cerne, segundo Lourena, é o de promover um intercâmbio cultural entre os Estados, como se pode ver no vídeo, as modelos (chinesas) aparecem trajadas de capulana.

AINDA NÃO ME SINTO REALIZADA

Apesar de, actualmente, estar a viver a realidade de um sonho (cantora de sucesso) as suas aspirações continuam crescendo. Como ela disse, "ainda não me sinto realizada, pois quero crescer, mas não sozinha. Quero crescer com os artistas do meu país e ver a nossa música a evoluir continuamente."

A par das vontades também crescem os sonhos: "gostaria de fazer um dueto em palco com Alícia Keys, pois é um sonho. Era também meu desejo gravar com Whitney Houston, mas, infelizmente, já não está entre nós."

A VEIA HUMANA DE LOURENA NHATE

Dos artistas geralmente se fala sobre as suas obras e, sobretudo, alguma "alfinetada" na sua vida privada. O lado humano e acções de cidadania dos ídolos pouco são



Músico sul-africano Ringo com Lourena



vistos e/ou reconhecidos. Entretanto, isso não desmotiva a menina da marrabenta, que tem destinado parte dos seus rendimentos para acções de responsabilidade social, através do apoio a famílias desfavorecidas.

Lourena justifica que isto "tem a ver com o meu percurso, pois tenho muitos fãs humildes e, na qualidade de cidadã, vejo que esta é uma forma positiva de estar ao lado dos meus fãs e ajudar a quem precisa."

Foi por esta razão que a representação da Visão Mundial, em Moçambique, elegeu a artista como embaixatriz para assuntos de responsabilidade social, função que desempenhou durante três anos. "Entreguei-me para trabalhar com eles, para ajudar crianças órfãs e desfavorecidas. Por vezes, as pessoas em situação difícil não precisam de muito. O pouco que a gente tem e dando-lhes ficam eternamente gratas."

"Tenho convivido com crianças nos orfanatos. Presenciei situações em que crianças, ainda em tenra idade, são responsáveis de famílias. Isto mexeu com o meu lado

PERFIL

Nome: Lourena Felicidade Nhate

Data de Nascimento: 26 de Agosto de 1987

Local de Nascimento: Cidade de Maputo.

Hobby: Ver TV e cozinhar estrogonofe.

Prato preferido: Repollo

Viagem dos sonhos: França, Bahamas.

Desporto: Futebol

humano. Recentemente ajudei uma mulher doente de cancro em fase terminal, que o grande sonho era de me conhecer", explicou.

O grande objectivo, segundo ela, é ajudar alguém no momento em que mais precisa.

DA MÚSICA AOS NEGÓCIOS

Para além de dona de uma bela voz, Nhate é também dona de uma empresa. Aliás, a LN Mídia é também a realização de um dos sonhos da cantora. Por sinal, a visão dos projectos da artista é a mesma, a internacionalização.

"Sempre foi meu sonho até que consegui criar minha empresa, LN Mídia, que actua na área da mídia, que tem feito parcerias com empresas internacionais para produção de vídeo-clipes, assessoria e marketing para artistas."

A finalizar disse: "gostaria de ver muita coisa diferente, criar uma editora aqui no nosso país, onde podemos acolher artistas de fora." ●





DESPORTISTAS QUEREM NOVOS MODELOS DE GESTÃO

Os desportistas das províncias de Nampula, Niassa, Cabo Delgado e Zambézia consideram urgente a introdução de novos modelos profissionalizantes de gestão das instituições desportivas nacionais para permitir a alteração do actual cenário de empobrecimento letal do desporto no país.

A posição foi assumida durante o seminário sobre Gestão no Des-

porto, realizado no passado dia 9 de Novembro de 2016, na cidade de Nampula, sob a égide da Revista Ídolo, e que contou com a participação de aproximadamente 180 agentes desportivos em representação das províncias referenciadas.

Os participantes foram bastante activos nas suas intervenções e chegaram à conclusão de que há necessidade de se promover mudanças profundas na estrutura orgânica das instituições desportivas

para torna-las cada vez mais dinâmicas e profissionais.

Atentos aos conteúdos ministrados e com avaliações críticas, os seminaristas acolheram com satisfação noções conceptuais sobre quem é gestor e o seu circuito de movimentação. Tiveram também a oportunidade de aprimorar conhecimentos sobre determinados modelos de gestão desportiva que poderão ser enquadrados no contexto



moçambicano.

Na sua intervenção, Muhammad Sidat, Mestre FIFA, insistiu no interesse de as instituições desportivas nacionais saberem planificar, em tempo útil, a sua actividade a médio e longo prazos para colherem amanhã os melhores resultados desportivos. Para tal, segundo disse, a organização estratégica nos clubes, associações e federações nacionais é fundamental.

Muhammad Sidat falou igualmente sobre licenciamento de clubes, no contexto dos novos paradigmas em curso no mundo em que a organização administrativa, financeira, infra-estrutura e desportiva se afigura como condição "sine qua-non" ou crucial para que os clubes atinjam níveis de participação semelhante ou aproximado em grandes eventos internacionais.

Os presentes tiveram igualmente a oportunidade de se informar sobre os mecanismos práticos e exequíveis de captação de receitas e sócios nos clubes. Na ocasião, foi apresentado, como exemplo, um projecto-modelo que os dirigentes

podem utilizar, bastando para efeito fazerem algumas adaptações. Foram abordadas também outras temáticas consideradas pertinentes para alteração do actual quadro desportivo. Os conteúdos foram discutidos de forma aberta, honesta, directa e objectiva.

O tema sobre a compensação pela formação desportiva foi o que suscitou um aceso debate, visto que as vantagens de se investir seriamente na formação de um atleta eram de total desconhecimento dos agentes desportivos. Muhammad Sidat explicou todas as etapas a serem observadas para que a compensação ocorra numa transferência internacional, sobretudo para o caso de futebol.

O evento teve um impacto imensurável no seio dos desportistas das províncias referenciadas, porque permitiu a descoberta de novas metodologias, códigos e condições profissionalizantes de fazer desporto que se equiparem com o praticado em quadrantes mais desenvolvidos do mundo. A afluência dos agentes desportivos foi enorme, desde os antigos e novos pratican-

tes, que souberam com elegância buscar subsídios válidos.

Aliás, a iniciativa da Revista Ídolo tinha por objectivo produzir conhecimento, através de práticas reais, visando a busca de soluções exequíveis para os problemas existentes no ambiente da indústria do desporto moçambicano.

O encontro deu primazia a questões ligadas à cultura organizacional das instituições desportivas e os novos desafios que, em matéria de gestão desportiva, requerem novas atitudes e diferentes soluções, no sentido de serem criadas novas oportunidades para futuras gerações de praticantes, técnicos, dirigentes e espectadores.

Este seminário, que se realizou na região norte de Moçambique, foi uma extensão do primeiro que teve lugar, em Agosto passado, na cidade de Maputo. Em Nampula, o acto foi honrado com a presença do Director Provincial da Juventude e Desporto, e do Director Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano, e diferentes personalidades ligadas ao movimento desportivo e empresarial da província. ●



GABINETE DO DIRECTOR

Nota nº_028____/GD-ÍDOLO/16

Excelentíssimo Senhor Ministro da Juventude e Desportos,
Dr. Alberto Nkutumula

Maputo, 23 de Novembro 2016

ASSUNTO: NOTA DE REPÚDIO

Vimos manifestar com veemência o nosso repúdio à decisão da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) de vedar a participação dos membros das associações nas províncias de Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Zambézia, no seminário sobre Gestão no Desporto: Novos Desafios, Diferentes Soluções, realizado no dia 9 de Novembro de 2016, na cidade de Nampula.

Essa decisão foi divulgada por meio do Ofício Nº 0620/FMF/D/2016, como pode ser atestado em anexo.

Entendemos que esta medida de tentativa de boicote a iniciativas privadas da sociedade civil desrespeita o compromisso de abertura ao diálogo, debate, formação e transparência assumido pelo Governo da República de Moçambique em prol da afirmação e desenvolvimento do associativismo desportivo.

Mais do que isso, coloca a FMF, antes instituição de inabalável credibilidade, em posição de agente isolado e acima das leis, em que pese o seu compromisso de ampliar e incentivar a prática da actividade desportiva, de acordo com o estabelecido na Política Nacional de Desporto.

O posicionamento da FMF revela autoritarismo e representa um flagrante retrocesso na vivência democrática desportiva em construção no nosso país, retirando o incentivo à formação e provocando evasão dos agentes desportivos no cumprimento da Política Desportiva Nacional.

Nossa indignação aumenta ainda mais quando constatamos que tal acto foi pensado e promovido pela maior instituição desportiva nacional, que não é capaz de entender o real significado da formação desportiva (o conhecimento não se negoceia) e das práticas democráticas do movimento associativo moçambicano.

Não vamos nos intimidar com esta postura, que, na prática, serve para dividir os agentes desportivos e enfraquecer ainda mais o movimento associativo.

O associativismo desportivo deve ser praticado por cidadãos de bem e não por indivíduos que se apossam das estruturas desportivas em busca de vantagens pessoais.

Defendemos um associativismo democrático, com participação efectiva dos agentes desportivos, sem violência e discriminação.

Reafirmamos a nossa prontidão de continuar a promover iniciativas do género como forma de enaltecer e complementar as boas práticas do Ministério da Juventude e Desporto e do Governo da República de Moçambique rumo ao seu projecto de crescimento e desenvolvimento do desporto no país.

Director Geral

Gervásio de Jesus Maria

CC// Direcção Nacional de Desportos
Conselho Nacional dos Desportos



PROPUSEMOUS SOLUÇÕES DIFERENTES

- avalia Muhammad Sidat, orador principal do 1º Seminário de Gestão Desportiva

orador principal do I Seminário de Gestão Desportiva, Muhammad Sidat, concedeu uma entrevista exclusiva à Ídolo, onde fez o balanço do evento, que decorreu nas cidades de Maputo e Nampula.

Tratou-se de um evento realizado em duas estâncias hoteleiras do país. As salas estiveram lotadas e os convidados não só presenciaram como também participaram, expondo as suas opiniões sobre os temas e levantando debates.

O Mestre-FIFA partilhou o seu

sentimento em relação às expectativas que tinha para o evento, fez a sua observação quanto ao envolvimento dos convidados e lançou desafios para os desportistas nacionais. Confira tudo nas próximas linhas.

Ídolo (I) – Como foi recebido pelos desportistas moçambicanos, tendo em conta que é o primeiro moçambicano Mestre FIFA?

Muhammad Sidat (MS) – A recepção foi extremamente boa, senti o calor e a força dos desportistas moçambicanos e pude observar o seu sentimento de orgulho por ter um jovem moçambicano com tal grau. Foi um reencontro com vários amigos e dirigentes, como também pude ter novos contactos e estabelecer novas amizades dentro do contexto desportivo, académico e outros sectores da sociedade.

I – Foram, no total, três dias de partilha de conhecimento. Qual é a avaliação que faz dos dois eventos?

MS – O evento atingiu os objectivos a que nos propusemos quando da idealização inicial, que era essencialmente disseminar conhecimento relevante e informação actual acerca da gestão desportiva, abrangendo o maior número possível de dirigentes e gestores das diversas modalidades existentes no nosso país.

Recebemos feedbacks muito encorajadores e de grande satisfação por parte de vários intervenientes do sistema desportivo nacional e internacional, como também da sociedade civil moçambicana em geral.

I – Os dois seminários tiveram salas lotadas, quais diferenças notou dos participantes em Maputo e em Nampula?

MS – Em jeito de gozo, lembro-me de um episódio que teve a ver com o horário da chegada dos participantes. O evento em Nampula estava com início marcado para às 9:00 horas da manhã e as 8:20 horas tínhamos a sala quase lotada!



Em Maputo, foi diferente houve um atraso de cerca de 20 minutos para o início da sessão! (risos...).

Em termos gerais, penso que os participantes, independentemente da região, apresentaram-se com bastante força e vontade de aprender, debater, com intervenções relevantes acerca do desporto moçambicano.

I – O seminário realizado em Nampula aglutinou fazedores do desporto na zona norte do nosso país, fala-nos com mais detalhes do que viu no segundo seminário?

MS – Houve uma participação maciça dos delegados provenientes da região norte e também da Zambézia. Estiveram presentes actores desportivos de modalidades como: futebol; basquetebol; atletismo; voleibol; xadrez; educação física; boxe; hóquei patins; até representantes dos jogos tradicionais estiveram presentes!

I – Qual era a percepção que tinha sobre o desporto moçambicano antes dos dois eventos? E depois desse “convívio” com os fazedores do

nosso desporto com que ideia ficou?

MS – Pessoalmente tinha uma percepção de que os fazedores do desporto em Moçambique totalizavam um número bastante reduzido, que se circunscreviam na sua maioria aos grandes centros e nos principais clubes do país. Contudo, estava redondamente enganado e verifiquei que há um interesse enorme pelo desporto dentro dos vários extractos sociais existentes no nosso país. Mas, por outro lado, é preciso focar que grande parte destes agentes desportivos não possui uma formação adequada em gestão desportiva, e é por isso que sinto que há um trabalho muito árduo e longo que se deve fazer focado em iniciativas com base na formação destes fazedores.

I – Durante o discurso de encerramento, foi mencionado que iria se produzir uma brochura final do evento com vista a fazer chegar a todos os participantes. Qual é o estágio da elaboração do documento?

MS – Já terminamos a fase de



compilação da síntese dos dois eventos. É preciso referir que este processo da produção da brochura teve que levar em conta também o evento de Nampula que só aconteceu em Novembro, de modo a que incorporássemos os debates e as contribuições extraídas desse evento. A produção do documento envolve o trabalho de vários profissionais e temos a convicção de que nos próximos meses iremos finalizar os últimos detalhes relacionados com design gráfico, últimas correções, Layout final, etc.

I - Há uma percepção de no evento terem sido difundidas experiências muito relacionadas com o Primeiro Mundo, até que ponto elas podem ser adaptadas à realidade moçambicana?

MS - Durante a fase preparatória do evento, fizemos uma análise criteriosa das possíveis temáticas a serem apresentadas e, obviamente, que tivemos em conta a realidade do desporto em Moçambique. Daí que, se verificarmos o programa do

evento, encontramos temas sincronizados e alinhados um com outro, que envolviam o perfil do gestor desportivo, a organização e gestão nas entidades desportivas, as receitas para os clubes desportivos, formato competitivo, licenciamento de clubes, segurança e corrupção no desporto, entre outros.

Agora no que tange à sua aplicabilidade no nosso contexto desportivo, depende muito da vontade e do "know how" necessário por parte dos dirigentes desportivos à frente das entidades desportivas.

É importante frisar que, mais do que levantar problemas, queríamos era trazer soluções diferentes e práticas, que qualquer organização desportiva deve ter em conta na sua gestão e organização, seja em Moçambique, na China, ou na Inglaterra.

I - Durante o seminário falou-se sobre o facto de os gestores desportivos formados estarem fora do sistema do nosso desporto, como se pode reverter este cenário, tendo em conta que dentro do sistema há gestores já a trabalharem?

MS - Isto é um facto! Os novos formandos em gestão desportiva provenientes das universidades nacionais têm bastante dificuldade de acceder ao mercado de trabalho desportivo e encontram-se em sua maioria desempregados ou exercendo funções fora do sistema desportivo. Daí que, durante o evento abordamos esta questão de forma efusiva, sugerindo a abertura de postos de trabalhos nas entidades desportivas nacionais, onde a integração desta nova onda de gestores desportivos poderia ser feita em consonância com a "geração antiga".

Propusemos que a Associação Moçambicana dos Gestores Desportivos (OKHALIHA) pudesse actuar como uma plataforma mais activa e dinâmica, com uma base de dados de todos os gestores desportivos existentes no país com vista a aproximar as demais entidades desportivas dos novos gestores desportivos existentes no país. Isto iria permitir efectuar diligências junto das entidades desportivas, com vista a garantir mais oportunidades de trabalho para os gestores desportivos recém-formados.

I - Projectos futuros no âmbito da formação de gestores e dirigentes desportivos?

MS - O sucesso do nosso desporto a todos níveis depende muito da qualidade dos seus agentes desportivos. Ora vejamos, se um treinador tem de concluir vários cursos para exercer a sua profissão, um Gestor/Dirigente desportivo também terá de obter as ferramentas necessárias para dirigir uma entidade desportiva, mas não é o que tem acontecido em Moçambique. E é neste sentido, que como já mencionei noutras ocasiões, estou totalmente aberto e apto para contribuir de forma activa em projectos de formação desportiva em como conferências, seminários, "workshops", entre outros.

Como desafio para o desporto moçambicano, aconselho a materialização deste tipo de eventos de forma recorrente, obviamente com apoio e parceria entre as entidades reguladoras do desporto tais como o governo, as federações e as ligas desportivas, os clubes desportivos, e as universidades ●



Novo elenco da FMP fotografado com Ministro da Juventude e Desportos



Festejando a sua reeleição na companhia da esposa



Lucas Chachine conferindo posse a Nicolau Manjate

MUNDIAL DE MAINJING ESTAMOS PRONTOS!

Dara o mundial de Mainjing, na China, este ano, o dirigente do hóquei nacional diz estar planificada esta actividade e que neste momento há uma movi-

mentação preparatória para que Moçambique alcance o melhor lugar possível nesta prova, e, por isso, conta com o envolvimento de todos agentes desportivos, empresariado nacional, parceiros, sociedade civil

e também com o apoio do Governo.

Sobre o passado, Nicolau Manjate é peremptório: "foram realizados campeonatos ao nível da cidade, nos escalões nacionais de





Nicolau Manjate ao lado de Fernando Sumbana Jr.

«»»»

seniores, juniores e juvenis, o que contribuiu para um crescimento das equipas participantes nas provas.”

Segundo disse, o sucesso não termina por aqui. “Foram surgindo núcleos de patinagem que impulsionaram a prática desta modalidade na zona centro e norte, concretamente nas províncias da Zambézia e Nampula”, explicou com um ar risonho e mais optimista.

O “ex-libre” do mandato passado reside na participação em três campeonatos mundiais de hóquei em patins, tendo numa destas participações alcançando o brilhante quarto lugar, para além do sétimo lugar noutros dois campeonatos, sendo estes os melhores posicionamentos dos últimos anos nestas provas.





HÓQUEI NAS PROVÍNCIAS

Nicolau Manjate, Presidente da Federação Moçambicana de Hóquei em Patins (FMP), estabeleceu metas para o quadriénio 2016-2020 do seu mandato e entende a expansão da modalidade como uma das principais actividades a serem desenvolvidas.

Menos emotivo e mais consciente, o timoneiro da FMP passou

em revista algumas das propostas positivas e saudáveis do novo mandato, nomeadamente o desenvolvimento do programa de massificação e o alargamento do número de praticantes, em todo o país, que passa pela criação de núcleos provinciais.

“Neste quadriénio pretendemos criar um programa de alargamento do número de praticantes na

disciplina do hóquei”, disse Manjate mais optimista como nunca na expansão deste desporto por mais províncias do país.

Além destas ideias, a direcção reeleita para dirigir o hóquei pretende avançar com a formação desportiva de jogadores ao nível de clubes, bem como o enriquecimento das competições internas atra-





◆◆◆◆◆

vés da realização de campeonatos zonais, regionais e nacionais.

Consta ainda das boas intenções de Manjate, o programa de formação e capacitação de vários agentes desportivos, nomeadamente técnicos, dirigentes, árbitros e jogadores.

"Queremos também intensificar acções junto das instituições internacionais que supe-

rintendem a patinagem (a CIRS e a FIRS), melhorar os índices de competição ao nível de clubes e na selecção nacional, bem como a edificação ou reabilitação de infra-estruturas desportivas à disposição para a prática do hóquei em todas as regiões", explicou o presidente da FMP, enumerando os trilhos que estão a ser dados pelo país. "Moçambique está a dar passos certos na construção

da patinagem mais robusta e forte, embora a conjuntura socioeconómica não seja favorável", disse.

No horizonte e com esperança de aglutinar mais fazedores da modalidade, pretende-se construir uma sede e pista de patinação para FMP para que seja materializada a ambição de trazer ao nosso país, a sede da Confederação Africana da modalidade. ●

CADA MUNDIAL TEM SUA HISTÓRIA

Bruno Pimentel, ex – capitão da Selecção Nacional de Hóquei em Patins

BRUNO Pimentel, ex – capitão da Selecção Nacional de Hóquei em Patins, entende que a direcção recentemente reconduzida para dirigir a modalidade poderá alavancar cada vez mais esse desporto no país, apostando na massificação e no aumento das provas nacionais.

"Este elenco reforçou os alicerces da direcção anterior, mas na prática continuamos com as nossas linhas-mestras, nomeadamente a massificação e o alargamento do número de praticantes, o que passa pela criação de núcleos provinciais. Neste momento, podemos dizer que estamos num bom caminho, pois temos núcleos a funcionar em Quelimane, Nicoadala e Nampula, para além dum maior movimento da modalidade na cidade de Maputo. Os clubes reforçaram as camadas de formação, abriu-se mais um clube, que tem escalões até juniores e alguns jogadores deste clube já estão a militar nos seniores da Académica", explicou Pimentel, para depois explicar que, a formação é alicerce para o desenvolvimento da modalidade.

Pimentel augura um lugar de pódio no Mundial de Maijing, pese embora as dificuldades que poderão surgir, uma vez que Moçambique está esquadrado num grupo das principais potências desta modalidade e constitui alvo a abater.

"Sobre o Mundial, com trabalho tudo é possível e o resto virá por acréscimo. Formou-se uma nova grelha, onde residem os países mais cotados no mundo de hóquei em patins e Moçambique está nesse grupo, como a sétima classificada. Para a primeira fase do Mundial calhou-nos Portugal, Argentina, Itália, Angola e Brasil, um grupo particularmente exigente. Entretanto, com trabalho podemos manter a posição mantida na Argentina ou melhor", disse ●



SOMOS PELA EXPANSÃO DO HÓQUEI

– Alberto Nkutumula

O MINISTRO da Juventude e Desportos, Alberto Nkutumula, comunga da opinião dos dirigentes da Federação Moçambicana de Patinagem sobre a necessidade de se lançar a modalidade para outras regiões do país.

"Pretendemos ver o hóquei a expandir-se para outros pontos do país de modo a explorar o potencial adormecido de muitos jovens", disse.

Na ocasião, o tutelar da pasta da Juventude e Desportos em Moçambique afirmou ter a expectativa de ver também a modalidade a prosperar a nível nacional e internacional. "Devem continuar a elevar o hóquei a patamares altos a nível nacional e internacional. Mas para tal é necessário que todos continuem a empreender esforço. Neste tipo de organizações, é necessário haver tempo, algo que com amor que existe pela modalidade entre as pessoas que fazem parte deste elenco, julgo ser possível. Vejo serem conhecedoras da modalidade e com espírito patriótico, acredito que muitos projectos serão concretizados", disse, prometendo o apoio do Governo para que a federação faça um bom trabalho.



MELHORAR NOSSA POSIÇÃO

– meta de Pedro Tivane, Selec-
cionador Nacional Adjunto

O SELECCIONADOR Nacional Adjunto de Hóquei em patins, Pedro Tivane, vaticina uma melhor posição para o combinado nacional no Mundial da China – 2017. Asfaltos atrás de asfalto, as ideias foram lançadas e desenha-se uma

melhor participação nesta competição.

"O objectivo é o de garantir a passagem para a fase seguinte e depois dependerá do cruzamento, mas não queríamos ficar abaixo do sétimo lugar, uma posição que conquistamos no mundial passado. Em 2011, conquistamos o quarto lugar e nos dois últimos mundiais alcançamos a sétima posição e agora queremos melhorar esta marca", disse, para depois acrescentar que o colectivo está congregado nesta premissa.

Para o Mundial da China, foram convocados jovens da nova fornalha e muito deve-se aos trabalhos em curso nas escolas de formação. "O objectivo é trabalhar com jogadores mais jovens de modo a garantir o futuro da modalidade no país", disse Tivane.

Sobre a direcção reeleita para assumir as rédeas da modalidade, Pedro Tivane, seleccionador nacional adjunto, entende que ela agrupa consensos e acredita que irá superar as expectativas traçadas e trazer mais alegrias para o país.

Esperanças e mais esperanças.

"Foi reeleito porque tem feito um bom trabalho. Acredito que o Nicolau Manjate vai superar as expectativas traçadas. Na selecção nacional, por exemplo, 90 por cento dos convocados foram lapi-



dados na sua era. Muito tem feito pela modalidade e poderá fazer mais", afirmou.

Para o Mundial da China, os trabalhos já começaram e o palco do clube Estrela Vermelha de Maputo tem acolhido os treinos dos convocados de Pedro Tivane, com vista à participação do combinado nacional no campeonato de mundo. Esses jogadores irão posteriormente se juntar aos seis atletas que militam nas competições internacionais em Portugal, França e Itália, e que neste momento estão sob observação técnica de Pedro Nunes, seleccionador nacional.

Eis os convocados:

Guarda-redes: Arnaldo Teixeira Queirós – (Ferroviário de Maputo), Lucas Cossa – (Estrela Vermelha), Almeida Nhamposse – (Ferroviário de Maputo), Alfredo Mandlate – (Desportivo de Maputo), Marcelo Baloi – (Desportivo de Maputo) e Carlos Mausse – (Estrela Vermelha);

Jogadores de campo: Spirso Esclades – (Estrela Vermelha), Ivan Esclades – (Estrela Vermelha), Kevin Pimentel Simões – (Desportivo de Maputo), Alberto Zacarias – (Ferroviário de Maputo), Artur Jorge Marcos – (Ferroviário de Maputo), Miguel Machaule – (Ferroviário de Maputo), Mário Alcides – (Ferroviário de Maputo), Maifrede – (Ferroviário de Maputo), Macário Joaquim – (Ferroviário de Maputo), Pedro Pimentel Jr – (Desportivo de Maputo), Rodrigo Xavier – (Desportivo de Maputo), Nuno Pereira – (Desportivo de Maputo), Tsendurev Mariano – (Desportivo de Maputo) e Rafael Elias – (Ferroviário de Maputo) ●



Feizal Sidat recebendo prémio de distinção

CLUBE PÁSSARO AZUL HOMENAGEIA PERSONALIDADES

A Cidade das Acáias, Maputo, foi recentemente palco da 15ª edição da Gala Personalidades e Homenagens, organizada pelo Clube Pássaro Azul. Trata-se de uma iniciativa que tem por finali-

lidade distinguir as instituições do Estado e privadas, bem como pessoas singulares que ao longo dos anos demonstram empenho pelo desenvolvimento do país nas diversas frentes.

A sala (da estância hoteleira onde o evento decorreu) foi pe-

quena para acolher as instituições e figuras singulares ora homenageadas, sobretudo pela magnitude das suas realizações nos seus sectores de actividade, com destaque para actores do desporto, órgãos e



António Mavila procedendo a entrega de presente a vice-ministra dos Desportos



Momento de entrega dos troféus aos vencedores



Shafee Sidat



António Mavila, presidente do Clube Pássaro Azul

fazedores de Comunicação Social, Conselhos Municipais, empreendedores e Governo.

Segundo o presidente do clube organizador, a distinção não deve ser encarada apenas no sentido de mérito, mas também na dimensão de responsabilidade para estes actores prosseguirem com acções que levem o país a bom porto.

Faizal Sidat, antigo Presidente da Federação Moçambicana de Futebol (FMF) e Shafee Sidat, Presidente da Federação Moçambicana de Atletismo, foram as figuras pioneiras na distinção e as únicas que mereceram o troféu do Pássaro Azul, na categoria de melhores desportistas do ano 2016.

Após receber o diploma e o respetivo troféu, Faizal Sidat afirmou que a homenagem é resultado do seu trabalho e toda a família do desporto no âmbito da promoção do futebol e acções de responsabilidade social. "Depois da minha saída da FMF, as crianças ainda se lembram dos oito anos em que estive na direcção do futebol nacional."

Sidat aproveitou o momento para falar da importância da educação (escolar) na formação dos desportistas. Segundo a fonte, há necessidade dos actores desportistas "contribuirem para a elevação da consciência cívica e desportiva. A importância da reconciliação da dimensão humana e dimensão futebolística, o que vai moldar um Homem verdadeiramente desportista."

A seguir, foram homenageados órgãos e fazedores de comunicação social, destaque para RM, TVM, TV Sucesso e TV Miramar.

Na categoria das autarquias, foram distinguidos, Nacala, Mandhlakazi, Úlongwè, Montepuez, Chókwè, Dondo, Manica, Gondola, Xai-Xai, Chimoio, Catandica e Moçimboa da Praia.

Como que a fazer jus ao ditado que diz "os últimos são os melhores", o Pássaro Azul quis fechar o ciclo de homenagens com "chave de ouro", ao distinguir, por último, o mais alto magistrado da Nação, Filipe Nyusi. Porém, o prémio foi recebido pela vice-ministra da Juventude e Desportos, devido à ausência do estadista moçambicano, por questões de agenda ●

MJD PREOCUPADO COM “DOPING” NO DESPORTO NACIONAL

Mais de 120 dirigentes de diferentes modalidades desportivas reuniram-se, em Maputo, com o objectivo de, juntos, combaterem o “doping” no desporto nacional, um acto que se enquadrou na primeira reunião de consulta das partes interessadas “Por Um Moçambique Livre do Doping”.

No primeiro dia da sessão, o Ministro da Juventude e Desporto, Alberto Nkutumula, que presidiu o seminário, defendeu que a protecção do atleta é um dos componentes mais importantes para o desenvolvimento do desporto em Moçambique e no mundo.

No decorrer da reunião, o titular das pastas destacou ainda os esforços do seu ministério e revelou que o

FOTOS DE SALVADOR SIGAUQUE



Governo e outros parceiros privados estão a trabalhar na busca de ideias para combater o “doping” no desporto praticado em todas as modalidades no país.



Mussa-Elkodhum, representante da UNESCO em Moçambique

Por seu turno, Mussa-Elkodhum, representante da UNESCO em Moçambique, afirmou durante o encontro que a promoção do desporto é crucial para a construção do indivíduo e defendeu a necessidade de se investir mais na educação física de qualidade, infra-estruturas, com o objectivo de criar uma classe desportiva ético-saudável. Entretanto, já no último dia, Nkutumula sublinhou que o país pretende, acima de tudo, proteger o maior valor que o desporto possui: o atleta. No rol, garantiu estar aberto um caminho para o alcance de um ambiente desportivo saudável e capaz de garantir o bem-estar físico e psicológico dos praticantes. ●

DEOLINDA NGULELA NOMEADA **EMBAIXADORA DO COMBATE AO "DOPING"**

A BASQUETISTA Deolinda Ngulela foi nomeada, no último dia do encontro, embaixadora contra o "doping" no país, graças ao seu currículum invejável na modalidade e por, durante os mais de dez anos da sua carreira, não ter usado nenhuma substância proibida no desporto.

Na ocasião, a empossada mostrou-se ciente das suas responsabilidades e dos desafios que vai enfrentar nesta missão. "É uma grande responsabilidade ser a primeira embaixadora contra o 'doping' no país, espero cumprir com êxito a minha missão. Confesso que me senti um tanto intimidada, mas ao mesmo tempo honrada por ter sido escolhida. O que resta agora é educar os atletas de todos níveis, uma vez que o 'doping' no desporto mundial tem sido uma mancha negra, tanto que nós como moçambicanos devemos começar a levar a sério essa questão." •

FORMAÇÃO ACADÉMICA

- Licenciada em Gestão de Sistema
- Mestrado em Kinesiologia pela universidade Augusta State University nos Estados Unidos da América.
- Treinadora Adjunta da seleção Nacional em seniores femininos Campeã pela Académica em 2001,
- Desportivo em 2007 e extinta Liga Desportiva de Maputo, em 2012.
- Representou Moçambique no primeiro Mundial da bola ao cesto, na Turquia.
- Foi eleita por várias vezes melhor base nos campeonatos africanos em que participou.





FERROVIÁRIO DA BEIRA FAZ HISTÓRIA NO FUTEBOL

A cidade da Beira, em particular, e a província de Sofala, em geral, continua a comemorar com pompa e circunstância o título nacional de futebol 35 anos depois, uma vez que, em 1981, o Têxtil do Púnguè, então com uma aguerrida equipa, sagrou-se campeão. O Ferroviário da Beira tornou-se, deste modo, no quarto clube fora de Ma-

puto a ganhar o Moçambola, depois do Textáfrica do Chimoio, Têxtil do Púnguè e Ferroviário de Nampula.

É caso para dizer-se que Chiveve continua em êxtase e vibra pelo histórico título nacional de futebol conquistado com todo merecimento. O ambiente é de orgulho incontido porque a conquista da prova resultou de um trabalho abnegado e profissional de todos os actores do clube, nomeadamente massa

associativa, pessoal de apoio, roupeiros, massagistas, médicos, fisioterapeutas, treinadores, jogadores e dirigentes, a vários níveis.

Há fortes motivos para a satisfação, porque a Beira é um grande "berço de craques" de futebol e o Ferroviário tornou-se no segundo clube, depois do Têxtil do Púnguè, a ganhar um título nacional de futebol.

Presidido pelo jovem engenheiro



Boaventura Mahave, o Ferroviário da Beira conseguiu uma proeza inédita numa época tremendamente conturbada no atinente à situação económica e financeira do país. A gestão criteriosa dos parcisos recursos económicos disponíveis assente numa base organizacional profissionalizante ritmaram a produção dos

"locomotivas" para a sua entrada nos anais do futebol moçambicano. Aliás, o Ferroviário da Beira é na actualidade o clube melhor organizado de Moçambique, por isso, o Chiveve merece estar em ebulição, merece esta rija e histórica celebração, porque não é todos os dias que se ganha um Campeonato de Futebol da 1.ª Di-

visão (Moçambique-2016).

O Ferroviário foi um digno campeão, porque foi um conjunto humilde, homogéneo, regular e, sobretudo, melhor. Fez da união a sua maior força motriz para o alcance dos seus objectivos. Mostrou bravura e "fair play" para ser campeão e soube sofrer quando foi necessário ●

Classificação

| Equipas | Pontos |
|---------------------------|--------|
| Ferroviário da Beira | 58 |
| União Desportiva de Songo | 52 |
| Clube do Chibuto | 50 |
| Liga Desportiva de Maputo | 50 |
| Ferroviário de Nampula | 47 |
| Ferroviário de Maputo | 46 |
| Maxaquene | 42 |
| Ferroviário de Nacala | 42 |
| Desportivo de Nacala | 37 |
| ENH de Vilankulo | 37 |
| Costa do Sol | 35 |
| Chingale de Tete | 33 |
| 1.º de Maio de Quelimane | 31 |
| Estrela Vermelha | 27 |
| Desportivo de Maputo | 19 |
| Desportivo do Niassa | 16 |

Listado dos campeões de Moçambique entre 1976-2016

- 2016 – Ferroviário da Beira
- 2015 – Ferroviário de Maputo
- 2014 – Liga Desportiva de Maputo
- 2013 – Maxaquene
- 2012 - Maxaquene
- 2011 – Liga Muçulmana
- 2010 – Liga Muçulmana
- 2009 – Ferroviário de Maputo
- 2008 – Ferroviário de Maputo
- 2007 – Costa do Sol
- 2006 – Desportivo
- 2005 – Ferroviário de Maputo
- 2004 – Ferroviário de Nampula
- 2003 – Maxaquene
- 2002 – Ferroviário de Maputo
- 2000/2001 – Costa do Sol
- 1999/2000 – Costa do Sol
- 1998/99 – Ferroviário de Maputo
- 1997 – Ferroviário de Maputo
- 1996 – Ferroviário de Maputo
- 1995 – Desportivo
- 1994 – Costa do Sol
- 1993 – Costa do Sol
- 1992 – Costa do Sol
- 1991 – Costa do Sol
- 1990 – Matchedje
- 1989 – Ferroviário de Maputo
- 1988 – Desportivo de Maputo
- 1987 – Matchedje
- 1986 – Maxaquene
- 1985 – Maxaquene
- 1984 – Maxaquene
- 1983 – Desportivo
- 1982 – Ferroviário de Maputo
- 1981 – Têxtil do Púnguè
- 1980 – Costa do Sol
- 1979 – Costa do Sol
- 1978 – Desportivo
- 1977 – Desportivo
- 1976 – Textáfrica

LOCOMOTIVAS DE MAPUTO COM MAIS TÍTULOS GANHOS

O DOMÍNIO do número de títulos pertence ao Ferroviário de Maputo, com dez, seguido pelo Costa do Sol, com nove campeonatos.

O Costa do Sol venceu pela primeira vez em 1979, mas teve de esperar até 1991 para voltar a ganhar e logo quatro de seguida, um recorde até agora em Moçambique. O último título foi em 2007. O Ferroviário de Maputo, por seu turno, só viria a vencer o campeonato nacional, na sua sétima edição, em 1982,

depois da única vitória do Têxtil de Púnguè. Depois viveu um "jejum" de sete anos, quebrado em 1996. O último título foi em 2015. Os seis títulos do Maxaquene colocam-na na quarta posição dos que mais campeonatos ganharam, atrás do Desportivo Maputo que tem também seis. Seguem a Liga Desportiva de Maputo com três, Matchedje de Maputo, com dois, e o Textáfrica, o Têxtil de Púnguè e os Ferroviário de Nampula e da Beira com um campeonato ganho.

INÉDITA ENTRADA NA LIGA DOS CAMPEÕES



FOTOS DE SALVADOR SIGAUQUE

O Ferroviário da Beira está a escrever a sua história no futebol com letras douradas. Acaba de conquistar um feito inédito no seu percurso como instituição desportiva ao qualificar-se para a fase de grupos da Liga dos Campeões Africanos em Futebol. É um facto sensacional que enche de orgulho os moçambicanos. Conseguiu com muito sacrifício ultrapassar o Barrack Young Controllers (BYC) da Libéria (4 – 1), no desempate por pontapés da marca de grandes penalidades. O jogo contava para a segunda "mão" da competição e teve



lugar em Monróvia para a grande desilusão dos liberianos e do respectivo Presidente da República, que esteve presente no estádio.

Apesar de derrotado no final dos 90 minutos, por 2-0, idêntico resul-

tado registado na partida da primeira "mão" mas a favor do campeão moçambicano, Ferroviário da Beira soube vincar a sua personalidade em campo e nas grandes penalidades levou a melhor. Nota de desta-

que para o guarda-redes Soarito dos "locomotivas" da Beira que defendeu duas grandes penalidades.

Na primeira eliminatória da prova, os "locomotivas" do Chiveve afastaram o Zimamoto do Zanzibar da Tanzânia, com um agregado de 4-2, após vitória na Beira, por 3-1, em jogo da segunda "mão". Refira-se que em Zanzibar o Ferroviário da Beira havia perdido por 1-2.

A qualificação de uma equipa moçambicana para a fase de grupos da Liga dos Campeões Africanos não acontecia há 15 anos. Apenas o Ferroviário de Maputo, em 1997, e Costa do Sol, em 2002, haviam alcançado esse feito. Com a qualificação para a fase de grupos, o Ferroviário receberá 550 mil dólares americanos ●

PUBLICIDADE



HÁ 15 ANOS NA VANGUARDA DAS TELECOMUNICAÇÕES MOÇAMBICANAS.

Celebrando 15 anos de experiência especializada na área das telecomunicações a TVSD é a principal fornecedora e instaladora de equipamentos de comunicação e serviços de manutenção em todo o país. Reconhecidos pela excelência no mercado local e internacional pelos produtos de alta qualidade, assumimos um compromisso de soluções sustentáveis e rentáveis para os negócios dos nossos clientes.

tvsd
TELECOMUNICAÇÕES E ELECTRÓNICA, LDA

Avenida do Zimbábwe nº 1726, Caixa Postal nº 1683
Maputo - Moçambique | Tel: +258 21 483 574/5
www.tvsd.co.mz | vendas@tvsd.co.mz

Radio Comunicação VHF - UHF - HF| Centrais Telefónicas | Telefones | GPS

Comunicações Satélite | Localização Viaturas| Equipamento Meteorológico

Site Survey | Sistemas Comunicações | Comunicações Unificadas

 MOTOROLA SOLUTIONS  intelbras  inmarsat  BARRETT COMMUNICATIONS



zap HD TV É PATROCINADORA OFICIAL DO MOÇAMBOLA

A operadora de televisão por satélite ZAP acaba de tornar-se patrocinadora oficial do Campeonato Nacional de Futebol, vulgo Moçambola. Uma adenda do acordo nesse sentido, válido por ano e meio, foi rubricada em Maputo pelo director da ZAP Moçambique, Marcos Araújo, e Ananias Couana, presidente da Liga Moçambicana de Futebol, com anuência dos respectivos clubes participantes na competição.

Para Marcos Araújo, o acordo constitui um marco importante para o desporto moçambicano, em geral, e para o futebol, em particular, uma vez que traz benefícios financeiros para os clubes participantes na prova. Os 16 clubes, que corporizam o Moçambola ZAP, enfrentam actualmente dificuldades financeiras acentuadas decorrentes da crise económica que o país atravessa, para além do próprio problema de gestão. Outro benefício deste "casamento" incide sobre a exposição que a operadora está a

fazer dos clubes com transmissões dos seus jogos além-fronteiras, em regime de exclusividade.

Marcos Araújo disse ser uma honra e orgulho para a ZAP associar-se ao Moçambola, visto ser uma grande e forte marca nacional. "Estamos a moçambicanizar a nossa marca. Ao transmitirmos em exclusivo os jogos do Moçambola é uma forma de internacionalizar o nosso futebol. Julgamos que este é um passo importante não só para



o Moçambola, pois a ZAP está a potenciar financeiramente os clubes e a própria Liga Moçambicana. Estamos, acima de tudo, a contribuir para a internacionalização do Moçambola e dos jogadores moçambicanos."

Para Ananias Couana, Presidente da LMF, o contributo da ZAP constitui uma grande valia para o futebol moçambicano, porquanto há benefícios que se repartem para os clubes participantes, a entidade que organiza a competição e a população.

PROVA MARCADA POR EQUILÍBRIO

O Moçambola ZAP está já em andamento e tem sido marcado por muito equilíbrio entre os concorrentes, à semelhança do que aconteceu na época passada. Pelo que se viu até ao momento, a luta pelo título irá envolver muitas equipas em face da aproximação do seu nível.

O equilíbrio em campo é tal que já não há pequenos nem grandes. Mas seja como for, a tradição manda dizer que os candidatos ao título são sempre os mesmos, nomeadamente Ferroviário de Maputo, Maxaquene, Liga Desportiva de Maputo, Costa do Sol e Ferroviário da Beira.

A missão afigura-se difícil para qualquer um deles, não obstante surjam outros emblemas "intrometidos" na corrida pelo "canecão", como são, por vezes, os casos da União Desportiva do Songo, Ferroviário de Nampula e Chibuto.

Todavia, maior responsabilidade tem o Ferroviário da Beira, que lutará pela conservação do título honroso que ostenta como resultado da sua excelente organização técnica e de gestão. Os comandados de Aleixo Fumo têm revelado uma personalidade ímpar que lhes fazem sonhar com altos voos. Mas para a consumação dos seus propósitos terão que continuar a primar pela humildade e vincar a sua grandeza em campo.

Pela manutenção vão lutar os outros emblemas, designadamente ENH de Vilankulo, Desportivo de Nacala, Ferroviário de Nacala, 1º de Maio de Quelimane, Chingale de Tete e os recém-promovidos UP de Lichinga, Associação Desportiva de Macuácuia e Textáfrica de Chimoio. Espera-se que ao cabo de 30 jornadas saia um campeão justo, sem casos de arbitragem e violência nos campos. Apela-se ao "fair play" entre os intervenientes para a boa imagem da prova e do país.

FirstMetical



bridging strategic investment

FirstMetical©2016 | corporate finance advisory ■ business advisory ■ investment advisory ■ transaction advisory

- ▷ Na FirstMetical estamos comprometidos em apoiar os nossos clientes a alcançarem a excelência através da oferta integrada de serviços de assessoria empresarial que pauta pelo rigor e profissionalismo, valorizando as pessoas de alto desempenho e partilhando resultados e sucessos com os clientes, colaboradores e parceiros.
- ▷ A FirstMetical utiliza sistemas e tecnologias modernas de análise de dados, previsões e projecções económico-financeiras, modelação e optimização de processos de negócios que apoiam os gestores e investidores na tomada de decisões estratégicas.
- ▷ FirstMetical o seu Parceiro Estratégico para o desenvolvimento dos seus negócios em Moçambique.

FirstMetical